

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO**

**ABRINDO O LIVRO DAS SUAS VIDAS: TRAJETÓRIAS  
DE FORMAÇÃO DE QUATRO PROFESSORAS NEGRAS**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Fernanda Gabriela Soares dos Santos**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2010**

**ABRINDO O LIVRO DAS SUAS VIDAS: TRAJETÓRIAS DE  
FORMAÇÃO DE QUATRO PROFESSORAS NEGRAS**

por

**Fernanda Gabriela Soares dos Santos**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria, (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. PhD. Valeska Fortes de Oliveira**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2010**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação de  
Mestrado

**ABRINDO O LIVRO DAS SUAS VIDAS: TRAJETÓRIAS DE  
FORMAÇÃO DE QUATRO PROFESSORAS NEGRAS**

elaborada por

**Fernanda Gabriela Soares dos Santos**

como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

**Valeska Fortes de Oliveira, Prof<sup>ª</sup>. PhD. – UFSM**  
(Presidente/Orientadora)

**Noeli Valentina Weschenfelder, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. – UNIJUÍ**

**Celso Ilgo Henz, Prof. Dr. – UFSM**

**Ayrton Dutra Corrêa, Prof. PhD. – UFSM**  
Suplente

Santa Maria, 28 de junho de 2010

## GURI

Composição: João Batista Machado / Júlio Machado da Silva Filho

Das roupas velhas do pai  
Queria que a mãe fizesse  
Uma mala de garupa  
Uma bombacha e me desse...  
Queria boinas, alpargatas,  
E um cachorro companheiro  
Pra me ajudar a “bota” as vacas  
No meu petiço sogueiro.  
Hei de ter uma tabuada  
E o meu livro Queres Ler  
Vou aprender a fazer contas  
E algum bilhete escrever...  
Pra que a filha do seu Bento saiba,  
Que ela é o meu bem querer  
E se não for por escrito  
Eu não me animo a dizer!

Quero gaita de oito-baixo,  
Pra ver o ronco que sai;  
Botas feitio do Alegrete;  
Esporas do Ibirocaí...  
Lenço vermelho e guaiaca  
Compradas lá no Uruguai.  
Pra que digam, quando eu passe,  
Saiu igualzito ao pai.

E se Deus não achar muito

Tanta coisa que eu pedi  
Não deixe que eu me separe  
Deste rancho onde eu nasci...  
Nem me desperte tão cedo  
Do meu sonho de guri  
E de lambuja permita  
Que eu nunca saia daqui

Essa é a música que meus pais lembram que eu vivia cantarolando na infância. A versão que eu conhecia e gostava era a que o César Passarinho interpretava. Por algum motivo que meus pais nunca souberam explicar eu costumava dizer que ela havia sido feita para mim. Doce pretensão...

Ao Jesse Costa (*in memoriam*), meu primeiro amor, que sonhava ser o primeiro leitor dessas linhas. Sua biografia ficou inscrita na minha história: “Quem sabe o céu ganhou mais uma estrela?”

Ao Oneide, pela amizade sincera de mais de uma década;

Às quatro colaboradoras por terem tornado meu sonho possível.

## AGRADECIMENTOS

Às colaboradoras de pesquisa por dividirem comigo o livro das suas vidas;

Às minhas avós e bisavós, que não couberam em seus papéis a sua maneira: Rita, Tetê, Jaci e Mariazinha;

Ao vô Diran(ray ban, vô?) meu parceiro de vida e ao vô Antoninho, que o tempo não permitiu compartilharmos mais vida, porém deixou-me a herança do apreço por sambas antigos;

A Valeska por abraçar comigo a ideia e ter me deixado tão livre; mas também por ter entendido meus silêncios, minhas ausências, minhas tristezas e interrogações;

Ao Gepeis, em especial, ao Claiton, a Mari, a Monique, a Vânia, Ionice (ao Nicolas e ao Edson também!);

Aos meus tios e tias, em especial ao tio João, a Dani, a Graci e ao tio Nuno que me cuidaram e estiveram comigo quando mais precisei;

À tia-madrinha Ana Regina, que nem o sofrimento de algumas privações de memória conseguiu apagar os doces momentos compartilhados;

Aos meus primos Henrique, Lucas, Amanda, Leonardo, Renata e à pequena Luara, que nasceu no período de escrita e com quem nasci um pouco;

Aos dindos Flavio e Ana Regina pelas melhores viagens de férias na infância;

Aos ex-colegas e eternos amigos Jéferson, Sabrina, Caren, Maria Antonieta, Julio, Rafael e Glenice;

Às colegas de trabalho Daiana e Saionara, em especial a Iolanda;

Aos meus alunos das Escolas Santa Rosa e Acácio Vieira, em Formigueiro, RS, e aos alunos da EAD, que me ensinaram a compartilhar saberes;

Aos professores Guilherme Correa, Celso Ilgo Henz e Deisi Sangoi, por terem plantado em mim a semente da inquietude;

Ao Luis Mortari, amigo e meu pai também, sempre tão presente e tão doce; aos seus filhos, irmãos que tanto amo Vinicius Mortari e Victória Mortari;

Aos amigos Pâmela (*in memorian*), Fabio (*in memorian*) e Gil (*in memorian*), porque os levo para sempre em meu coração; ao amigo Mario (*in memorian*) que não tive tempo me despedir;

Ao Geraldo Nascimento, que sem nunca ter me visto, emprestou-me todos os seus livros por pura generosidade. Um carinho que nunca esquecerei;

Aos meus queridos Carlos Mallet (Mano) e ao Oneide Santos (Seco) por terem sido responsáveis pelos desenhos da dissertação e da minha vida, também ao Oneide por ser meu eterno “professor inesquecível”;

Ao André pelo desenho da ferrovia;

A Carmen, Ana Maria e Eliane por terem me cuidado na infância;

A Angela Denize, por todas as gentilezas;

Por último, mas também por primeiro aos meus pais, César e Carla, os grandes amores da minha vida. Cada capítulo possui uma história e por trás de cada história estão vocês. “*Por vocês eu faria isso mil vezes*”, trecho do filme “*O caçador de pipas*”.



Quando nasci um anjo esbelto,  
desses que tocam trombeta, anunciou:  
vai carregar bandeira.

Cargo muito pesado pra mulher,  
esta espécie ainda envergonhada.

Aceito os subterfúgios que me cabem,  
sem precisar mentir.

Não sou feia que não possa casar,  
acho o Rio de Janeiro uma beleza e  
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.

Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.  
Inauguro linhagens, fundo reinos  
— dor não é amargura.

Minha tristeza não tem pedigree,  
já a minha vontade de alegria,  
sua raiz vai ao meu mil avô.

Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.  
Mulher é desdobrável. Eu sou.

Com Licença Poética – Adélia Prado.

## RESUMO

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade Federal de Santa Maria

### **ABRINDO O LIVRO DAS SUAS VIDAS: TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO DE QUATRO PROFESSORAS NEGRAS**

AUTORA: Fernanda Gabriela Soares dos Santos

ORIENTADORA: Valeska Fortes de Oliveira

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 28 de junho de 2010.

A pesquisa denominada “**Abrindo o livro das suas vidas: trajetórias de formação de quatro professoras negras**” foi desenvolvida e apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), na linha Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional, tendo como objetivo investigar a trajetória pessoal e profissional de quatro professoras negras pertencentes a diferentes gerações, bem como os seus imaginários e as possíveis significações de ser uma professora negra em momentos distintos da História do Brasil. Para tanto, foram convidadas quatro professoras que estudaram em diferentes momentos e que também marcaram minha história pessoal e profissional, embora duas delas tenham quase a mesma idade possuem uma trajetória de vida muito diferente. Esta temática foi sendo construída a partir de minha atuação como docente da educação básica, de meus estudos sobre negritude, gênero e educação, de minha participação em um grupo de pesquisa e, sobretudo, a partir de minha própria história de vida. Encontrei na narrativa autobiográfica um caminho promissor para desenvolver este trabalho, visto que aquilo que se buscava era uma aproximação de seus imaginários e suas possíveis lutas contra a branquitude instituída. O registro foi realizado por meio de gravação das entrevistas semi-estruturadas e sua posterior transcrição. Utilizei como referenciais Bosi (2004), Perrot (1997), Gomes (2009) e Castoriadis (1982). Percebi, em suas narrativas, muitas aproximações: a luta com a questão socioeconômica, a escolha pelo Magistério, a forte presença da figura materna em suas vidas. Também algumas divergências foram encontradas, em função até mesmo da linha temporal que as separa. Reconstituir a história de mulheres negras significa olhar para a história de gênero/etnia de quem sempre ficou à margem dos processos históricos. Saliento que o trabalho, além de ter produzido uma formação nas colaboradoras, conforme narrado por elas, também a mim resultou em formação/autoformação. Para todas nós a pesquisa produziu outro olhar sobre o Magistério, sobre as questões de negritude, de gênero e as professoras que éramos no início já não são as mesmas que se formaram/autoformaram. Importante ressaltar que suas histórias individuais também fazem parte da História coletiva, cada colaboradora trouxe marcas que fazem parte de suas trajetórias individuais e que, concomitantemente vêm ao encontro de questões mais abrangentes. A luta pela sobrevivência, a questão da religiosidade, o imaginário cotidiano foram algumas das categorias que apareceram em todas as vozes e outras as singularizaram mostrando que a marca da geração a que pertencem, ao ano em que nasceram, a época em que viveram também o Social inscrevendo no individual; a memória da ferrovia para a colaboradora mais antiga, bem como a questão das cotas raciais para a colaboradora mais jovem.

**Palavras-chave:** professoras negras; trajetórias; histórias de vida; formação.

## ABSTRACT

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade Federal de Santa Maria

**ABRINDO O LIVRO DAS SUAS VIDAS: TRAJETÓRIAS DE  
FORMAÇÃO DE QUATRO PROFESSORAS NEGRAS**  
(OPENING THE BOOK OF ITS LIVES: TRAJECTORIES OF FORMATION OF FOUR BLACK  
TEACHERS)

AUTHOR: Fernanda Gabriela Soares dos Santos

ADVISOR: Valeska Fortes

Date and Place of Defense: Santa Maria, 28 of June of 2010.

The research called “**Opening the book of its lives: formation trajectories of four black teachers**” were developed and presented to the Program of Post-Graduation in Education, Master of the Center of Education of the Federal University of Santa Maria (UFSM), in the line Formation, to know and Professional Development, having as objective to investigate the personal and professional trajectory of four pertaining black teachers of different generations, as well as its imaginary and possible significances of being a black teacher at distinct moments of the History of Brazil. To this, had been invited four teachers who had studied at different moments and that also had marked my personal and professional history, even so two of them have almost the same age possess a trajectory of very different life. This thematic one was being constructed from my performance as professor of the basic education, my studies on blackness, sort and education, of my participation in a group of research and, over all, from my proper history of life. I found in the autobiographical narrative a promising way to develop this work, since what one searched was an approach of its imaginary ones and its possible fights against the instituted whiteness. The register was carried through by the writing of the half-structuralized interviews and its posterior transcription. Used as benchmarks Bosi (2004), Perrot (1997), Gomes (2009) and Castoriadis (1982). I perceived, in its narratives, many approaches: the fight with the socioeconomic question, the choice for the Teaching, the strong presence of the figure maternal in its lives. Also some divergences had been found, in function even though of the secular line that separates them. Reconstruct the history of black women means looking at the history of gender/ethnicity of those who always stayed on the sidelines of historical processes. I point out that the work, beyond having produced a formation in the collaborators, as told for them, also me auto formation resulted in formation. For all of us its research produced another look on the Teaching, on the questions of blackness, sort and the teachers who we were at the beginning are not the same ones that were formed themselves/self formed. Important to note that their individual stories are also part of the collective history, each respondent brought brands that are part of their individual careers and, concomitantly are similar to the larger issues. The struggle for survival, the question of religion, the imagery of daily life were some categories that appeared on all the voices and the other showing that the singular mark of the generation they belong to, the year they were born, the era in which they lived also Social enrolling in the individual, the memory of the railroad to the oldest contributor, and the issue of racial quotas for the youngest contributor.

**Keywords:** black teachers; trajectories; life histories; formation.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	13
<b>1 ABRINDO UM CAPÍTULO DE MEMÓRIA: “CONFESSO QUE VIVI”</b> .....	15
<b>2 RABISCOS METODOLÓGICOS: A TRAVESSIA DE UMA PESQUISA</b> .....	22
<b>2.1 A respeito das histórias de vida</b> .....	24
2.1.1 Colaboradoras: parceiras de minha história .....	28
<b>2.2 Desenhando um possível caminho</b> .....	33
<b>2.3 Alguns entrecruzamentos do olhar: as continuidades</b> .....	34
2.3.1 A questão socioeconômica .....	36
2.3.2 Seus olhares para a escolha do Magistério .....	40
2.3.3 A militância política .....	43
2.3.4 O movimento negro .....	46
2.3.5 A política de cotas para negros .....	48
2.3.6 O imaginário racial: o cotidiano e suas pequenas batalhas .....	51
2.3.7 A presença da mãe .....	55
2.3.8 A figura paterna .....	57
2.3.9 Ser mulher .....	58
2.3.10 Memórias de estudantes .....	61
2.3.11 As marcas da pesquisa nas colaboradoras .....	64
2.3.12 Os clubes negros .....	66
2.3.13 O imaginário da religiosidade .....	68
<b>2.4 Apontando caminhos divergentes: as descontinuidades</b> .....	71
2.4.1 “Quando vai longe o apito do trem”: a memória da ferrovia .....	72
2.4.2 Os anos de chumbo .....	75
2.4.3 A importância da capoeira .....	78
2.4.4 Lembranças de velhos .....	81
2.4.5 “A gente riu de um negrinho lá”: a não aceitação da cor .....	83
<b>3 AS MULHERES NEGRAS QUE “VI DE PERTO”</b> .....	86
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	90
<b>ANEXOS</b> .....	96
ANEXO A – Termo de confidencialidade .....	97
ANEXO B – Termo de consentimento livre e esclarecido .....	98
ANEXO C – Carta de aprovação .....	100
ANEXO D – Letra da música “Negro da Gaita” .....	101
<b>APÊNDICE</b> .....	102
APÊNDICE A – Roteiro de entrevista semi-estruturada .....	103

## APRESENTAÇÃO

*“Todo escrito, quando começa, é autobiográfico”.*

Moacyr Scliar

Aproximar imaginário, gênero e questões étnico-raciais, reconstituir através de suas narrativas, as trajetórias de professoras negras de distintas gerações e as marcas que inscreveram em seus alunos, colegas e em sua própria época, a partir de seus olhares. Este trabalho foi desenvolvido na linha de pesquisa Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional, no Mestrado em Educação com o intuito de, através do conhecimento dos processos formativos das quatro colaboradoras, contribuir para os estudos biográficos nas pesquisas sobre formação/autoformação.

O nome **“Abrindo o livro das suas vidas: trajetórias de formação de quatro professoras negras”** é uma homenagem a um músico negro que atravessou minha história: César Passarinho. Embora não seja o autor da letra, é um de seus intérpretes.

Muitas vezes, durante a pesquisa, evoquei a imagem da música “O Negro do Gaita”<sup>1</sup>, na qual existe uma metáfora em que o gaiteiro negro ao tocar o instrumento, abre o livro da sua vida. Essa representação durante anos ficou na minha memória, pois meu pai ouvia muito essa música em minha infância.

Os desenhos deram o tom da pesquisa: ora quando as enxerguei em preto e branco, porque ainda eram desconhecidas para mim, apenas um rabisco, e à medida que o tempo foi passando foram tomando cores e formas. Cada qual foi sendo colorida por mim e por elas mesmas. A dupla de artistas convidados a desenhar não as conheceu, apenas leu um recorte do meu trabalho. Não souberam como elas eram, senão através de meu olhar. Os desenhos foram longamente pensados por mim, pelos artistas e executados por eles, que foram meus amigos durante minha vida inteira e conhecem toda a minha história. Foram meses de um trabalho conjunto.

Ouvir as histórias das colaboradoras foi mais que um ato de pesquisa: passei a admirá-las e tornamo-nos próximas. Não contamos a qualquer pessoa nossa vida, é preciso afinidade e certo grau de confiança. O trabalho foi uma travessia de histórias que não foram contadas com a linearidade, assim como a memória não lembra em ordem cronológica.

---

<sup>1</sup> A letra da música encontra-se no Anexo D.

Dentre meus objetivos estavam: investigar como foi para as docentes a participação em meu trabalho e de que maneira se sentiram participando, quais os aspectos profissionais e pessoais imbricados, quais as particularidades de serem professoras negras aqui no Sul do Brasil. Alguns objetivos foram elucidados, enquanto outros surgiram e assim a pesquisa foi sendo tramada. Muito daquilo que busquei em suas trajetórias não me foi respondido, um pouco por opção delas e um pouco porque, com o distanciamento de hoje, vejo que a própria pesquisa transformou-se e tomou outros rumos.

No capítulo **1 Abrindo um capítulo de memória: “Confesso que vivi”** apresento a minha história e homenageio um dos poetas que mais coloriu meu imaginário, pois não poderia adentrar outras vidas caso não pudesse cuidadosamente reconstituir a minha.

No capítulo **2 Rabiscos metodológicos: a travessia de uma pesquisa** começo então a apresentar a metodologia, as trilhas dos caminhos e descaminhos. No item **2.1 A respeito das histórias de vida**, dialogo um pouco com os estudos sobre as histórias de vida, e finalmente são apresentadas, no **2.1.2 Colaboradoras: parceiras de minha história**, minhas quatro colaboradoras de pesquisa. A partir do **2.2 Desenhando um possível caminho** esboço a trilha que segui e passo a apresentar as continuidades que aparecem em seus discursos. Através de um exercício hermenêutico, realizo a triangulação com outras fontes históricas, a fim de apontar linhas de cruzamento entre a história individual e a coletiva. Até **2.3.13 Imaginário da religiosidade** aparecem então todas as continuidades, ao passo que, a partir do **2.4 Apontando caminhos divergentes: as descontinuidades**, passo a me ocupar então do que aparece singularmente em seus discursos.

O último capítulo denominado **3 As mulheres negras que vi de perto** analiso, tendo em vista a Linha de Pesquisa: Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional, as possíveis contribuições do meu trabalho para a linha em que ele está sendo inserido no Mestrado em Educação. Avalio então o caráter formativo/(auto)formativo de meu trabalho não só para mim como para minhas colaboradoras de pesquisa, e tal como serão chamadas em meu trabalho, também parceiras de minha própria história.

## 1 ABRINDO UM CAPÍTULO DE MEMÓRIA: “CONFESSO QUE VIVI”<sup>2</sup>



*“Não preciso que me digam  
De que lado nasce o sol  
Porque bate lá meu coração...”*

Belchior

Nasci em um gélido abril, quando nenhuma maternidade queria me aceitar porque todas estavam cheias. Meu avô havia sonhado comigo naquela madrugada, ele e minha família materna na época residiam com meus sete tios em Frederico Westphalen, pois minha avó era concursada no então colégio agrícola daquele município.

---

<sup>2</sup> Alusão à biografia do poeta e ídolo Pablo Neruda

Ouvindo a seu sonho e sua intuição, meu avô acordou minha avó e vieram de carro a Santa Maria, deixando minha tia mais nova, então com dez meses aos cuidados de irmãos mais velhos. Quando chegaram minha mãe estava entrando em trabalho de parto e meu pai iria chamar um táxi, pois não tínhamos carro nem geladeira neste período.

Vim ao mundo em um inverno rigoroso, início dos anos 1980, no Hospital Casa de Saúde. Nesses quase trinta anos, em todos os meus aniversários, meu avô me liga para contar essa história. Talvez o sonho dele comigo tenha sido o marco para o princípio de uma amizade que atravessou meus tempos. Sempre fomos companheiros: de bares, *shows*, filmes, livros, caminhadas, exposições, amores. Ele insiste em dizer que não sou só neta, sou também sua melhor amiga. Nem o fato de ter se separado há alguns anos de minha avó para viver um grande amor superou nosso laço que, segundo ele, vem de outras vidas. Uma das primeiras palavras que eu disse, ao enxergá-lo de óculos escuros foi: “- Aibãn vô?”<sup>3</sup>

Até entrar para a escola passei longos períodos na casa dele e da minha avó, que assim que puderam se transferiram para Santa Maria. Sentiam pena dos meus pais então com dezoito anos cuidarem sozinhos de um bebê. Sempre que as coisas ficavam, de alguma forma, difíceis em nossa casa, era com eles que podíamos contar.

Nos períodos em que ficava na casa de minha avó materna que tentou sempre morar perto, guardo a maior parte das lembranças de infância. Quem me cuidava era a tia mais velha que queria ter sido hippie: usava cabelos longos, saias indianas, ouvia muita música dos anos 70, era fã de *Hair*<sup>4</sup> e lamentava não ter ido ao *Woodstock*<sup>5</sup>. Mais tarde estudou Filosofia e era grande leitora, durante toda a adolescência foi minha inspiradora.

Com a família de meu pai também contávamos, mas as coisas já eram complicadas o suficiente: meu avô paterno estava sofrendo de uma cirrose hepática e minha avó se via, então, às vésperas de cuidar sozinha dos sete filhos que tiveram. Apesar da morte triste de meu avô, a lembrança que guardo é singela: demasiado doce comigo. Já o vi muito adoentado. Mais tarde, por outras pessoas, soube de sua história: perdera a mãe muito cedo e fora criado pela avó.

---

<sup>3</sup> Alusão aos tradicionais óculos *Ray Ban*.

<sup>4</sup> Musical de 1979.

<sup>5</sup> Festival de música de 1969.

Era conhecido por todos como um dos negrinhos da Donata, sua avó paterna que o criou junto ao seu pai. Trabalhou desde criança e morreu trabalhando como carteiro. Ironia do destino trabalhou na EBCT<sup>6</sup> com a minha bisavó materna. Dizem que o chamavam de Garrincha: pernas tortas e certeiro na bola. Jogava um futebol peculiar: que eu jamais presenciaria. Sei que gostava de música e muito pouco convivi com ele, embora soubesse pela minha mãe que ele era enlouquecido por mim, desde a primeira vez em que me viu. Fazia um grande esforço para erguer-se da cama e me pegar, ainda bebê em seus frágeis braços.

Também a casa em que viviam nessa época quase sendo perdida porque o terreno pertencia a alguém que reivindicava seus direitos. Nasci, portanto, em um momento bastante peculiar na vida de todos.

Íamos muito à casa de minhas duas avós, acredito que por serem meus pais muito jovens, ainda existia um laço grande com a família e também porque o casamento, como foi comum na geração deles, não era uma opção: ter um filho significava casar e pronto. Meus tios eram como irmãos para mim e de alguma forma até hoje o são.

Um dia meus pais se separaram e lembro-me dele e de minha mãe tentando explicar que nada mudaria em nossas vidas. Disseram-nos que ficou algo maravilhoso do casamento: meu irmão e eu. Penso que isso se refletiu na educação e orientação que recebemos em casa: passamos a infância e adolescência vendo ele e minha mãe trabalharem e estudarem, esforçarem-se para passar em concursos e na UFSM.

Minha primeira escolha foi Artes Cênicas. Eu sempre disse que faria teatro e na escola era do grupo de teatro. Viajei com o grupo e ganhei prêmios. Não foi surpresa para ninguém da boa aluna que sempre fui ingressar na UFSM. Fiquei o ano inteiro me questionando se faria Artes, Letras ou História.

Então comecei a faculdade de Artes e não era como eu imaginava, muito cedo vi que teria que trocar de curso. No ano anterior havia ido à defesa de mestrado em Filosofia de meu tio e fiquei muito inclinada a cursar.

Então, quando vi que as Artes não era um curso que eu realmente queria, fiz vestibular para Letras e pedi reingresso na Filosofia, na esperança de conseguir algum e na surpresa de ter conseguido os dois.

---

<sup>6</sup> EBCT: Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

Foi um período bem cansativo, eu ajudava no trabalho doméstico, ia às aulas, não tínhamos computador em casa, então digitava um pouco em cada lugar, a mãe também me ajudava nas digitações e com o tempo precisei trancar a matrícula no curso de Letras, ou nunca terminaria nenhum. Fiquei com remorso, mas estava muito cansativo e também por não termos computador eu fazia os trabalhos manuscritos o que até hoje me rendeu calosidades nas mãos, depois pagava alguém, ou a mãe digitava um pouco, era sempre aquela correria.

Em 2006 (detalhe: eu já formada) conseguimos adquirir um computador. Foi uma batalha como várias outras na vida da gente. Mas isso não foi empecilho de não estudar ou de reprovar em alguma disciplina. Exatos dez anos depois que compramos o primeiro que nunca funcionou direito. Não me lembro de ter feito um único trabalho no primeiro. Então nem conta.

Vivi intensamente a graduação como as demais etapas da minha vida: DCE<sup>7</sup> nas sextas-feiras, Movimento Estudantil, Grupo de Estudos, programa de rádio sobre poesia, ironicamente um trabalho iniciado pelo meu pai quando acadêmico de Letras e retomado por mim, fiz tudo o que queria.

Confesso aqui, entretanto, que as linhas que eu poderia estudar para fazer Mestrado em Filosofia não me motivavam. Àquela época ou se fazia mestrado em Kant ou Heidegger. Não era exatamente o que eu queria. Estava bem perto de me formar quando reencontrei uma grande amiga e comentamos sobre nossos estágios.

Contei a ela sobre uma situação de racismo que vi uma aluna vivenciando, sobre como trabalhei com a turma a temática, a pesquisa que fiz com cinema, com histórias orais. E ela me perguntou por que eu havia me dedicado ao tema. Eu disse que era minha paixão, até por ter vivido na pele e visto meus parentes paternos viverem incontáveis situações de racismo. Inclusive a última que me lembro já no curso de Artes Cênicas, quando um colega disse que se eu fosse fazer as peças dele apenas sobriam os papéis de doméstica com minha cor e biótipo de “nordestina”. Então ela disse, aproveita o assunto que te atravessa Fernanda! Falou-me que havia uma professora que ela tinha tido na graduação que também falava muito sobre gênero, questões étnico-raciais.

Uns dias depois minha amiga avisou de uma defesa de um trabalho orientado por essa professora. Pela primeira vez, na academia, tive uma catarse. Não imaginava que

---

<sup>7</sup> Sexta-feira há uma tradicional boate no subsolo da Casa do Estudante Universitário

era possível fazer um trabalho daqueles: em que a gente pudesse se colocar, escrever o que gostava, dei-me conta do quão engessada eu estava.

Foi assim que nasceu o trabalho com a Valeska, ela me apontando outros caminhos, eu tentando me despir de uma formação rígida. É assim que visualizo o GEPEIS<sup>8</sup>, como a possibilidade que temos de trabalhar em esferas até então desconsideradas no espaço universitário. Com o tempo, descobri que preciso dessa liberdade para escrever porque senão eu paro. Cada qual tem seu caminho, mas o meu é a pura inquietação, sem muitas amarras, obedecendo obviamente ao tempo estipulado.

Para mim a marca do GEPEIS foi a marca da liberdade de criação: vi que podia fazer um trabalho sem me esconder atrás de outra pessoa do discurso, que se em meio a uma reunião eu ler uma poesia todos vão aplaudir e que só preciso ser eu mesma.

A participação no grupo também me remeteu a dois importantes trabalhos, realizados por integrantes do GEPEIS, sobre as relações étnico-raciais. Há alguns anos tomei contato com essas pesquisas, porém não conhecia suas autoras, pois já haviam concluído o mestrado e ido embora de Santa Maria.

Um deles e possivelmente o que mais se aproxima de meu trabalho é o de Roesch (2001), no qual a pesquisadora investiga trajetórias de vida de docentes também articuladas com a questão da negritude. Foi possível, nesse trabalho, traçar algumas simetrias com o meu: a escolha pelo Magistério, o incentivo da família negra para que os filhos estudem, independente da profissão que escolherem, entretanto que nunca abandonem seus estudos.

O outro, de Azambuja (2000), acompanha a trajetória de formação de um único professor negro. Um homem negro trilhando um caminho em um espaço historicamente ocupado por mulheres brancas. Trabalho muito rico, centrado na formação desse professor que, incansavelmente, continuava participando de cursos na área de educação para se atualizar. Também teve, assim como as minhas colaboradoras e como no trabalho de Roesch (2001), um incentivo familiar para que jamais deixasse de estudar. Em ambos os trabalhos, assim como no meu, aparece a luta das famílias pelas condições mínimas para sustentar os seus filhos.

Em consonância com minha pesquisa, ambas optaram pelas narrativas de vida enquanto enfoque teórico-metodológico para reconstituir a cultura da etnia negra no espaço

---

<sup>8</sup> Grupo de Pesquisa em Educação e Imaginário Social

acadêmico. As pesquisadoras utilizaram ainda as trajetórias individuais, tal como em meu trabalho, pois como apontam alguns autores, por mais singular que seja uma história de vida, ela necessariamente articula-se no contexto da coletividade, pois nenhuma história individual é inscrita sem a polifonia de outras vozes conjugadas.

É possível também, acrescentar que a história oral tem proporcionado, no âmbito do espaço acadêmico, trabalhar com o que os autores denominam excluídos da história: as crianças, mulheres, prisioneiros e todos aqueles que, de alguma maneira, estiveram à margem da narrativa histórica: suas vozes vêm ocupando um espaço cada vez mais significativo.

Nesse tempo, em alguns momentos precisei me distanciar do grupo ou para escrever ou em função dos horários de trabalho que coincidiam com os horários em que nos reuníamos. O que sempre me surpreendia e entusiasmava era que em todos os retornos eu era recebida com o mesmo carinho. As pessoas entendiam: Gepeis também me lembra que talvez pelo tamanho da família sempre tive facilidade em trabalhar em grupo.

Só quem realmente não conhece a mim e a minha história pensaria o contrário. Quando ficava longos períodos da infância na casa de minhas avós nunca tinha problema em dividir ou emprestar o que era meu, ou os meus brinquedos, durante toda a adolescência tínhamos uma turma da escola Edson Figueiredo que morava perto. Jogávamos vôlei juntos, íamos ao cinema, a bailes de Formatura, boates, amigos esses até hoje muito próximos. No Cilon Rosa<sup>9</sup> o grupo de teatro se tornou o grupo com quem dividi aquele momento de vida: viagens, passeios, almoços, acampamentos, férias, risos e pura amizade. Amigos que ainda hoje dividem sua história comigo, mesmo estando longe pelas contingências da vida. Sempre perto no coração.

---

<sup>9</sup> Escola Pública de Ensino Médio.



## 2 RABISCOS METODOLÓGICOS: A TRAVESSIA DE UMA PESQUISA

*“Se o mundo inteiro me pudesse ouvir  
Tenho muito pra contar:  
Dizer que aprendi”.*

Tim Maia

Quando fui aprovada no mestrado, eu tinha um projeto que mostrei à orientadora. Entretanto, coincidência ou não, eu fui trabalhar em escola e também outras questões começaram a me inquietar, que também circundavam meu tema.

Eu tinha desde a graduação em Filosofia um sonho de estudar gênero. Sempre foi uma paixão, talvez por ter crescido neste clima de abertura política, por ter militado, por ter me tornado professora. Mesmo no partido meus debates sempre circulavam nas questões de gênero, quando fui do DCE, foi no núcleo de gênero que quis atuar.

Quando perguntada se eu era feminista sempre me identifiquei como feminina e ressalto aqui que ainda hoje trago essa marca: ao contrário de outras companheiras do partido, ortodoxas em vários aspectos, eu era a que compreendia a todas, aceitava as particularidades, entendia os subterfúgios. A que não julgava quem resolvia largar tudo e casar ou as que se dispunham a cumprir sozinha a dupla jornada de trabalho.. Nunca fui panfletária ou depositei nos outros os meus discursos e expectativas.

Quando disse a Valeska que queria estudar gênero e etnia fui, como em outras vezes amorosamente acolhida e o sonho, tal como na monografia, outra vez abraçado comigo.

Os temas que trago aqui não são novos e não trazem consigo essa pretensão. Serão agora pesquisados junto às colaboradoras com nossos olhares se entrelaçando. Eu optei por não fazer uma pesquisa quantitativa, e também queria estar junto às colaboradoras, ouvi-las não apenas aplicar um questionário, mas de alguma maneira estar próxima a elas.

Então minha escolha por trabalhar com suas histórias de vida se deu para que eu pudesse ouvir suas memórias. De alguma forma, também olhar para a minha já que também sou hoje professora como elas.

Para Oliveira (2000, p. 14):

A intenção de revisitar o passado, através do trabalho da memória permite ao professor um exercício de desconstrução das imagens instituídas socialmente com relação à docência, possibilitando, também, a construção de um outro imaginário, a instauração de um outro processo de subjetivação.

A memória, a docência, todos os aspectos que surgiram foram construídos com as colaboradoras. Muito do que eu esperava e até mesmo tinha curiosidade de ouvir não apareceu em seus relatos. Várias das questões que eu imaginava que trariam em suas memórias não apareceram, mas outras surgiram e tiveram força.

Algumas questões emergiram em todos os seus relatos, algumas apenas em duas ou três vezes, ao passo que outras foram muito peculiares. Dei-me muito cedo conta que muito mais do que o que a gente busca é preciso muitas vezes entender que a voz das colaboradoras tem sua própria força: não é apenas o que o pesquisador procura, porém também o deparar-se com aquilo que não se busca: ter paciência e muitas vezes retomar a partida. Houve muitos silêncios que foram respeitados. Quem diria que o caminho seria fácil? Por isso: “Navegar é preciso”...<sup>10</sup>

A guisa de esclarecimentos adotei, ao longo do trabalho, o termo raça e racial para me referir às características estéticas dos indivíduos. Valente (1998) elucida que ainda que o conceito de raça cientificamente designe características biológicas e denote características genéticas (genótipo) costuma-se considerar como sendo atributos raciais as características fenotípicas. Mesmo que os biólogos afirmem que as raças não explicam as diferenças entre os homens, a saber, irrelevantes do ponto de vista genético, as características concernentes ao fenótipo são entendidas como diferenças raciais dos sujeitos pelos sujeitos envolvidos nas relações que mantêm entre si.

---

<sup>10</sup> Alusão a famosa atribuída ao poeta Fernando Pessoa

## 2.1 A respeito das histórias de vida

*“Mesmo que as rimas sejam pobres  
O pensamento é bonito”<sup>11</sup>.*  
César Augusto Simões dos Santos

Cada vez mais, as pesquisas na área de educação vêm abrindo espaço para que os professores possam narrar a si mesmos. Um campo que talvez ao olhar de um pesquisador que não conhece mais profundamente a História da Educação, pode achar simples, mas não o é.

Até pouco tempo, tendências quase positivistas questionavam o papel do estudo das Histórias de Vida na educação mesmo que outros campos já a estivessem tomando em suas metodologias. Foi preciso que grandes nomes a utilizassem para que servisse como argumento de autoridade na educação.

Para Macedo (2006, p.105): “É necessário pontuar que o primeiro manual de *fieldwork* elaborado e utilizado pelos sociólogos de Chicago descrevia conversas espontâneas como uma das técnicas essenciais da abordagem antropológica em ciências sociais”.

Ainda sobre a Escola de Chicago, marco histórico para pesquisas como a minha, Bolívar, Domingo e Fernández (2002, p.77) afirmam que:

La constitución da metodología biográfica em sociologia como disciplina universitária, se produce em la Universidad de Chicago, em el primer tercio del siglo XX. La llamada *escuela de Chicago* es considerada unánimemente (Coulon,1992) el origen, ya mítico, en el uso de las historias de vida y metodología autobiográfica en la investigación.

Foi também a mim um processo de aprendizado enquanto pesquisadora, nascido na formação que fazemos no grupo de pesquisa. Foi lendo trabalhos de colegas anteriores, como Azambuja (2000), Röesch (2001) e Amaral (2006) que me dei conta de uma riqueza que não poderia encontrar nos livros, a magia da oralidade. O contar e recontar, a sofisticação e complexidade do papel da memória a força dos saberes adquiridos na nossa própria vivência, essa é a grande herança que trago na pesquisa do Gepeis.

Ainda sobre a utilização dos estudos das histórias de vida em educação, Nóvoa, (1995, p.18) argumenta que: “A utilização contemporânea das abordagens (auto)biográficas é fruto

---

<sup>11</sup> Poema premiado de meu pai, no ano de 1985, no auge dos seus vinte anos.

da insatisfação das ciências sociais em relação ao tipo de saber produzido e da necessidade de uma renovação dos modos de conhecimento científico”.

Foram também as crises de paradigmas, os questionamentos epistemológicos que proporcionaram o repensar das metodologias tradicionais. Fizeram-se necessárias as crises para que surgissem outros modos de se olhar o científico.

Segundo Abrahão (2006, p. 151): “A narrativa autobiográfica contém a totalidade de uma experiência de vida que é comunicada ao investigador, não sem que, no justo momento da narração, se ressignifique o(s) acontecimento(s) narrado(s)”.

É justo esse foco que buscava e busquei aqui, a singularidade que só a vida pode abarcar. Já não questiono a veracidade de um significado ou outro, o sentido é aquele atribuído por elas, sob, obviamente, o olhar que agora a memória constrói. Importante ressaltar que busquei elementos que não apareceram, assim como não busquei histórias que prevaleceram. Foi respeitado tudo o que elas pediram e, inclusive, seus ocultamentos em relação a determinadas questões.

Ainda a respeito das histórias de vida, Souza (2006, p. 138) nos diz que:

A utilização do termo **História de vida**<sup>12</sup> corresponde a uma denominação genérica em formação e em investigação, visto que se revela como pertinente para a autoconsciência do que somos, das aprendizagens que construímos ao longo da vida, das nossas experiências e de um processo de conhecimento de si e dos significados que atribuímos aos diferentes fenômenos que mobilizam e tecem nossa vida individual/coletiva.

Foi também na tessitura do trabalho, que me dei conta da africanidade de trazer a história oral para o trabalho. Assim como os mestres de capoeira ensinam o que aprenderam durante sua vida aos demais praticantes, tal como esse esporte possui músicas que não eram gravadas, mas oralmente transmitidas pelos seus praticantes, também esse trabalho parte desses elementos de oralidade, dessas aprendizagens de vida, construídas ao longo de uma vida inteira. Foi na elaboração e escrita deste trabalho, que dentre muitas coisas que aprendi e trarei comigo, dei-me conta que também é um re-encontro com a oralidade africana, prática muito comum em algumas regiões do continente africano.

Segundo Barzano (2009, p.4): “[...] na África, e em especial na região do noroeste, há uma grande valorização da tradição oral, e esta encontra nos griôs<sup>13</sup> um de seus mais notáveis

---

<sup>12</sup> Grifo do autor.

<sup>13</sup> Grifo meu, griôs são os contadores de histórias.

expoentes para possibilitar a invenção de como a transmissão de conhecimento deve ser passada às pessoas”.

Eu queria trazer para o trabalho essas histórias não apenas no âmbito daquilo que viveram academicamente, nos espaços formais de escolarização, queria conjugar com seus processos de escolarização suas trajetórias individuais, foi nessa perspectiva que se consolidou a escolha da metodologia.

Também destaco aqui Santos (2006) quando esse salienta que a experiência social em todo o mundo é muito mais ampla e variada do que a tradição política e filosófica ocidental conhece e considera importante. Mais do que aquilo que nos ensinaram que devíamos aprender está o que havia por trás, quando determinados conhecimentos eram e são considerados de maior significação que outros.

Foi ainda no grupo de estudos, no GEPEIS que me dei conta da complexidade de nossa formação. Essa não é realizada apenas em sala de aula. Que simplicidade seria pensar que a professora que sou hoje, por exemplo, foi apenas constituída nos anos de 2001 a 2004, quando frequentei as aulas de Filosofia.

Sei que hoje a formação é algo muito mais complexo e para isso, para trabalhar a formação que imaginei o estudo das trajetórias obviamente entrelaçando suas vidas com a sua travessia profissional. Segundo Oliveira (2000, p. 15): “Em primeiro lugar, poderíamos reafirmar a necessidade de desmonte da cultura instituída no magistério de que a formação se limita aos cursos de licenciatura”.

Foi também nesse sentido que, ao longo da escrita percebi que muito do que as pessoas pensam e são tem ligação direta com a vida que seguiram e com alguns caminhos que escolheram. Nossas escolhas e atitudes nos remetem àquilo que nos tornamos, que fomos e almejamos ser. Nem por isso, contudo busquei linearidade ou coerência em suas narrativas. De modo algum esperava que aquilo que me asseguraram ser em determinada época estaria diretamente relacionado ao que se desenharam em seus tempos e espaços vividos.

Para Oliveira (2006, p.52): “A História Oral de Vida, como a experiência de ‘fazer falar’, produz uma narrativa sem uma perspectiva de linearidade histórica, de montagem de um quebra-cabeça onde tempo histórico, tempo social e cultural são invocados e, vêm impregnados na singularidade da vida que se ‘conta’”.

E foi nessas singularidades de vidas que busquei e que senti o enriquecimento da pesquisa. Cada história remeteu ao imaginário de uma época, de um espaço, de uma dor.

Obrigou-me a buscar fontes das quais eu não conhecia, que foram desde a história de minha própria cidade natal até um esporte jamais praticado por mim.

Bourdieu (1998), em artigo denominado **A ilusão biográfica**, já criticava a premissa presente em grande parte das biografias: a de que a vida possui um conjunto coerente e orientado. Aquilo que ficamos procurando para reiterar ideias, dizermos, por exemplo, que uma mente inquieta só poderia ter sido a consequência de uma criança agitada.

Fosse assim, essa não seria a escolha de minha metodologia. O surpreendente e bonito que encontrei e busco nas histórias de vida é o casamento com o inusitado, as construções que não esperávamos e a própria busca que precisamos fazer para orientar o texto. Vamos à contramão daquilo que Santos (2000) chama de o desperdício da experiência e construímos o exercício de mostrar como a própria vida é fonte rica de pesquisa e inovação.

Entendo também a amplitude da pesquisa como um olhar para a professora negra que viveu este momento no Rio Grande do Sul. A peculiaridade de um número restrito de vozes me permitiu conhecer cada qual, seus costumes e até mesmo construir um laço. Findas as entrevistas ainda mantemos contato e essa ligação não é unilateral, também elas me procuram, mandam e-mails, ligam.

Segundo Jesus (2008, p.4):

A História Oral tem sido uma opção epistemológica, um compromisso ético e político com a reconstrução e valorização da experiência que vem por meio da palavra viva, como nos propõe Bâ (1982), ao trazer a cosmovisão da Tradição Oral Africana.

A escolha da metodologia, portanto, não foi uma decisão simples, pouco refletida. A própria tradição africana traz consigo a história oral como mantenedora de inúmeras crenças. Por que não transportar essa característica da ancestralidade para a pesquisa?

Também nos aspectos concernentes à história oral, pensava em uma metodologia que desse espaço a subjetividade dos colaboradores. Nesse aspecto, concordo com Silva (2001, p. 54) quando o autor afirma:

No entanto, trabalhar com fonte oral não é simples, pois as recordações vêm acompanhadas de sentimentos que expressam alegrias, tristezas, amarguras, esperanças, etc. Lidar com essas questões exige que o pesquisador esteja atento a fim de evitar que os relatos sejam prejudicados pela lembrança, “daquilo que se queria esquecer.

É preciso inclusive sensibilidade do pesquisador para entender a hora de desligar o gravador, de não tangenciar determinado assunto. E essa medida não nos é ensinada, é preciso apenas estar com o ouvido atento e o coração desperto. A memória sempre causa emoção e choros, sejam eles por tangenciar bons ou difíceis momentos.

### 2.1.1 Colaboradoras: parceiras de minha história

*“Agora chegou minha vez, vou cantar:  
Mulher brasileira em primeiro lugar”.*

Benito di Paula

Pesquisa alinhavada então é chegada a hora de, como em na literatura de cordel, mostrar os caminhos que nos propomos. A primeira escolha foi a de trabalhar com professoras que se intitulassem negras. O critério de negritude era de que elas se pensassem e reconhecessem enquanto negras.

Eu queria trabalhar com um número pequeno de professoras, para poder estudar mais profundamente as suas narrativas. Quando me dei conta, as professoras que escolhi pertenciam a diferentes gerações e em princípio eram três, pois quando nos aprofundamos nos materiais não podemos trabalhar com um grande número de colaboradores. Penso sempre interessante a particularidade de poucas vezes a generalidade de muitas.

Eu já estava começando as entrevistas quando me lembrei de uma das colaboradoras que foi muito importante em minha trajetória e sempre declarou ter orgulho de sua negritude. Então pensei que seria muito importante a participação dela.

Não vou entrar na discussão de quem é ou não negro, penso que não sou eu quem deva atribuir a negritude a alguém. O critério utilizado foi ouvir de cada uma delas, em diferentes momentos, que eram negras. Retintas, mulatas, morenas cor de jambo, ou cor de cuia, como sempre me chamaram não interessou a mim. Elas, em algum momento, seja quando professora, ou aluna, ou em comícios, palestras, passeatas seja em encontros de professores ou ainda no Partido, disseram se considerar negras e ter orgulho de sua cor. Esse foi o principal critério. Os outros foram a marca que tiveram em minha

trajetória pessoal e profissional, o destaque que elas têm dentre os demais colegas professores, a participação delas nos eventos sobre negritude.

Eu queria também que fossem professoras que buscassem formação sempre, como eu, nos mais distintos espaços. E eu aceitei porque como professora sempre questiono as classificações que os outros dão às pessoas. Penso que as pessoas devem ser exatamente aquilo que elas querem ser, e que não cabe a nenhum de nós, eu sei o quão é difícil esse exercício com nós mesmos, julgarmos a cor do cabelo, os olhos, ou a assunção ou não à negritude.

Para Roesch (2001, p.22): “[...] professores negros não só pelo fato de serem descendentes e possuírem em suas características físicas traços de negros, mas também por se auto-identificarem como negros”.

Então, tal como fui questionada pelo comitê de Ética da UFSM, o critério de cor é esse. Não entrei em discussão da gradação de cor, ouvi delas em diferentes momentos que eram negras. As quatro, em distintos momentos e por diferentes motivos marcaram minha história de professora.

Ana porque, como eu, aventurava-se nas Letras e militava, Rute também apaixonada por História e participa comigo das discussões sobre as cotas raciais, muitas vezes vai aos eventos só para me ouvir falar, Valéria militava comigo e veio de um lugar de periferia e Bibiana que também fez Letras frequentou muito minha casa por ter sido colega de faculdade de meu pai.

O nome de cada uma delas é uma singela homenagem ao escritor Érico Veríssimo, culpado pela minha paixão por literatura, exceto Rute que me pediu para ser chamada assim. Primeiro eu propus que se dessem nomes, mas nenhuma, exceto Rute quis escolher. Como penso que os livros que li minha vida inteira são vozes arfantes neste trabalho, resolvi atribuir-lhes nomes de personagens da literatura.

Os encontros com elas ficaram mais intensos após a qualificação. Vieram, entretanto inúmeras contingências: uma delas foi embora e acabamos tendo maior contato pela Internet, outra adoeceu e enfim cenas que apenas o cotidiano costuma apresentar, questões que não teriam abalado se a pesquisa fosse bibliográfica, por exemplo.

Levanto então uma das cortinas da vida e apresento à plateia minha mais madura colaboradora, que não à toa recebeu o nome da personagem, a meu ver, mais forte e complexa de Érico Veríssimo: Ana Terra.

#### 2.1.1.1 Ana

*“Chamava-se Ana Terra. Tinha herdado do pai o gênio de mula”.*

Érico Veríssimo

Nasceu em 1948, na casa em que vive até hoje, embora já tenha saído por um tempo, quando foi casada. Filha de pais analfabetos, sua mãe teve nove gestações, sempre perdendo os filhos, até conseguir engravidar dela e sua irmã, pois são gêmeas. Depois de perder o oitavo filho sua mãe foi a um Centro Espírita e a partir do tratamento que fizeram nesse Centro conseguiu então levar essa única gravidez até o final.

Como era comum na sua época, cursou junto com a sua irmã a Escola Normal, no IEEOB<sup>14</sup>. Para ela essa, ainda hoje, é sua grande formação, sente-se grata por tudo o que lá aprendeu.

Fez Pedagogia e Especialização na UFRGS, tendo atuado na rede pública de ensino. Tem duas filhas, um neto e é viúva. Já aposentada da rede pública lembra com muito carinho os anos que lecionou.

Sua irmã é sua grande companheira e ela narra que pode fazer tudo o que faz porque sabe que a irmã toma conta de tudo em sua casa. É escritora de livros infantis, pois segundo ela, foi uma forma que encontrou do neto se identificar com personagens literários, já que a maioria deles é branca.

---

<sup>14</sup> Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac.

### 2.1.1.2 Valéria

*“Mesmo que se passe fome devemos sempre manter nossa dignidade”.*

Valéria

Valéria nasceu em Santa Maria e tem trinta e quatro anos. Morou na periferia, muito jovem perdeu o pai. É casada há pouco tempo e, quando íamos começar as entrevistas, foi chamada em um concurso na cidade de Uruguaiana. Nosso contato maior foi pela Internet, contudo ela sempre demonstrou muita disposição em participar de meu trabalho.

As dificuldades não a impediram de estudar, embora em alguns momentos tenha atrasado um pouco os estudos. Hoje é professora universitária e doutora em educação.

### 2.1.1.3 Bibiana

*“Vi que é muito bom narrar a nossa história”.*

Bibiana

Também nascida em Santa Maria, tem trinta e cinco anos e é mãe de dois filhos: um adolescente de dezessete anos e uma menina de seis anos. Separada, professora da rede estadual de ensino, acadêmica do curso de Psicologia à noite na Ulbra-Santa Maria.

De todas, ela é a única que nasceu em uma família de classe média. Teve seus estudos interrompidos durante um período devido a uma gravidez prematura: foi mãe adolescente; isso aconteceu durante uma grande greve do magistério estadual. Ela brinca que seu filho é consequência de uma greve. Ainda assim, jamais conseguiu parar de estudar.

#### 2.1.1.4 Rute

*“Eu me senti importante por ser uma negra que anseia participar de uma sociedade com igualdade racial”.*

Rute

Recém formada em Pedagogia – Licenciatura Plena pela UFSM tem vinte e dois anos e trabalha em uma creche. Foi aprovada em uma Especialização à distância pela UFSM e está preparando a sua vida para casar com um rapaz que conheceu na igreja que frequenta. Muito entusiasmada com o casamento e com a bolsa que vai ganhar na tutoria no curso de Pedagogia à distância da UFSM.

Fui convidada para o seu casamento, tamanha a intimidade que construímos ao longo da pesquisa. Também Rute é pesquisadora da temática e pretende tentar mestrado em educação.



## 2.2 Desenhando um possível caminho

*“Nós todos inventamos variadas histórias para nós mesmos...  
[...] Mas, quem pode garantir que a ordem do relato é a ordem da vida?”*

Ricardo Piglia

Finda a qualificação e em férias do meu trabalho, imaginei que poderia passar muito tempo com as colaboradoras. Contudo, nesse tempo, Rute, a única que estava desempregada, começou a trabalhar, Valéria se mudou e a filha de Ana ficou doente.

Suas vidas se movimentando, mas todas ainda dispostas a participarem do trabalho. Outra vez, assim como na qualificação, eu optei por chamá-las de personagens da obra “O tempo e o vento”, já que é uma obra marcada pela presença de fortes personagens femininas. Apenas Rute pediu para ser assim chamada ao longo do trabalho, pedido imediatamente acatado.

Tive que, por diversas vezes marcar e desmarcar encontros e um imenso medo que Valéria, que estava indo embora desistisse, pois já havíamos passado pelo Comitê de Ética e sua desistência implicaria submeter novamente o trabalho. A questão do tempo já começou a se mostrar mais significativa e nada transcorreu como imaginei.

As entrevistas foram realizadas nos diferentes espaços e lugares que elas queriam: cafés, suas Casas, Casa de Cultura, minha casa. Tudo ficava de acordo como elas gostariam que acontecessem. Respeitei as sugestões delas: seus horários, suas marcações e, muitas vezes, trocas de horários. Algumas viajaram durante as férias e foi necessário esperar que retornassem para terminarmos. Fiquei flexível aos horários de todas e no final deu certo.

Terminadas as entrevistas, o tempo parece um torturador, é chegada finalmente a hora de trabalhar com as convergências e divergências de suas falas, através de um exercício hermenêutico, buscando as significações imaginárias de seus discursos.

Ao contrário de outras pesquisas, elaborei uma única pergunta que englobasse tudo o que eu buscava na pesquisa (trajetórias, formação e negritude), mas que engessasse o mínimo suas respostas: “Conta para mim tua história de vida enfatizando teus processos de escolarização e as questões étnico-raciais envolvidas?”

Essa era a grande questão que deveriam responder. Entretanto, a pedido delas, acabei elaborando um roteiro (consta no apêndice A), pois preferiam responder a uma entrevista semi-estruturada.

### **2.3 Alguns entrecruzamentos do olhar: as continuidades...**

*“Há muito tempo atrás as pessoas se reuniam  
Com outras pessoas para ouvir e contar histórias”.*

Richard Serraria e Zé Evandro

A partir deste exercício de aproximação de significações imaginárias, desenhei leituras possíveis das falas das professoras. Coloco clara aqui a importância de ressaltar que as leituras são polissêmicas, carregadas de vários significados possíveis.

Os conceitos referentes à teoria que embasa a pesquisa vêm sendo por mim estudados desde 2005 no Grupo de Estudos e Pesquisa em Imaginário Social (GEPEIS), o qual tem, na grande maioria de seus trabalhos, utilizado as noções referentes à Imaginário Social do teórico Cornelius Castoriadis.

Para o referido estudioso, Imaginário não é simplesmente a imagem, porém é movimento, criação de figuras/formas/imagens a partir das quais somente pode ser questão de qualquer coisa.

A escolha pelo autor veio, sobretudo, pela possibilidade de abertura que os conceitos trabalhados em sua teoria possibilitam. Idéias como instituinte (a saber, possibilidade de mudança), significações, imaginário radical, as quais muitas vezes em meu trabalho são tangenciadas por outros pesquisadores da área, possibilitaram pensar meu trabalho a partir de um olhar mais aberto, mais dinâmico.

Ressalto também que Castoriadis (1987) entende por significações imaginárias o magma das significações imaginárias sociais trazidas pela instituição da sociedade considerada que por nela se encarnam e por assim dizer a animam. Tais significações imaginárias sociais são, por exemplo, espíritos, deuses, Estado, cidadão etc. Para além das definições puramente anatômicas ou biológicas, homem e mulher, por exemplo, são o que são mediante as significações imaginárias que os fazem ser assim.

Trazer estes conceitos para meu trabalho foi uma forma de mostrar não só o que suas histórias abarcaram, mas também as questões pertinentes que, no caso de etnia sobrepõem a pura questão biológica. O fato de serem negras demonstrou como uma característica puramente fenotípica modifica toda uma história de vida. E essas significações não estão simplesmente prontas, engessadas, elas são todo nosso constructo social, que vai sendo desenvolvido e discutido ao longo do texto.

Penso também que, o mais importante de trazer esse conceito é pensar nos papéis que minhas colaboradoras ocuparam em seus tempos vividos, em alguns momentos questionando as suas vidas e em outros se colocando como espectadoras. A possibilidade de mudança, de ruptura, de terem, em alguns momentos, rompido barreiras se aproxima daquilo que Castoriadis (1982, p. 154) denomina Imaginário Radical. Segundo o autor: “Falar do Imaginário Radical é falar na capacidade de invenção tal, como dela falamos no campo artístico, referindo-nos à criação de formas/figuras, (no grego *eidos* (*eidé*), capacidade que, com este significado, o autor entende todo o gênero humano, individual ou coletivamente considerado”.

Não pretendo de nenhum modo esgotar as possibilidades ou analisá-las apenas sob um aspecto: elas são múltiplas de significações e o Imaginário Social, teoria que nos dá suporte a todas as possibilidades, permite abarcar tais possibilidades, sem categorizar, enquanto única via de verdade, as questões estudadas.

O importante não é esgotar ou se pretender a conceber únicos caminhos: é entender que os caminhos são sempre dialéticos e que as possibilidades são as possíveis no momento. Apresento-lhes então as continuidades que apareceram e que deram força às categorias elencadas. As continuidades, a saber, aquilo que se repetia em seus discursos foram aqui colocadas. O que tornava singular os seus discursos, ou seja, tão apenas aparecia nas narrativas individualmente e não se repetia, está nas descontinuidades.

Sobre o que buscamos em cada narrativa e o direcionamento que damos, compartilho com a posição de Bolívar, Domingo e Fernández (2001, p. 198): “Las entrevistas se retraducen a un sistema de categorías (explícitas o implícitas) elaborado anteriormente. Se hace, entonces, un uso instrumental, despreciando parte de la riqueza del próprio material, em función de lo que se há determinado anteriormente”.

Algumas categorias, como por exemplo, o processo de escolarização foram previamente determinadas e amplamente buscadas nas narrativas. Aquele material que está muito separado daquilo que investigamos não é estudado.

Neste exercício de busca de significados, por vezes circundando questões materiais e outras simbólicas, permito-me utilizar aquilo que comumente chamamos triangulação: buscar outra fonte que não apenas a oral. Também Bourdieu (1998) chama a esse exercício de busca de outras fontes de reconstruir o contexto, a superfície social em que se consegue situar, ou se tenta, o entorno da narrativa.

Desfaçam-se, portanto, as cortinas e abram-se os corações para as narrativas de minhas parceiras de trabalho, é chegada a hora de minhas colaboradoras colorirem o palco da vida.

### 2.3.1 A questão socioeconômica

*“A carne mais barata do mercado  
É a carne negra”.*  
Elza Soares

Nos desabafos das trajetórias, uma das primeiras questões enfatizadas é a questão econômica, ainda que hoje todas as colaboradoras estejam com uma vida financeira tranquila. Duas colaboradoras começam dessa maneira suas histórias:

*“Sou oriunda de uma família pobre miscigenada”. Valéria*

*“Por problemas financeiros, ao concluir o Ginásio, deveria me habilitar ao Curso Normal, pois uma garota pobre deveria buscar logo um curso profissionalizante”. “Quando ingressei no Ginásio<sup>15</sup>, por ter sido reprovada no Exame de Admissão<sup>16</sup>, fiz a primeira série ginásial em uma escola particular, de elite. Ali paguei todos os pecados, pois ale de negra, era pobre”. Ana*

Ambas contadas por elas quando convidadas a narrarem a si, a escreverem a própria história e essa foi uma das primeiras marcas trazidas nas suas escritas biográficas.

Para Munanga (2003, p.118):

---

<sup>15</sup> Equivalente à oitava série

<sup>16</sup> Para ingressar na primeira série do Curso Ginásial, mais tarde oitava série

Vozes eloquentes, estudos acadêmicos recentes, qualitativos e quantitativos, realizados pelas instituições de pesquisas respeitadíssimas como IBGE<sup>17</sup> e Ipea<sup>18</sup>, não deixam dúvida sobre a gravidade gritante da exclusão do negro, isto é, pretos e mestiços na sociedade brasileira. Fazendo um cruzamento sistemático entre a pertença racial e os indicadores econômicos de renda, emprego, escolaridade, classe social, idade, situação familiar e região ao longo de mais de 70 anos desde 1929 Ricardo Henriques chega a conclusão de que “no Brasil, a condição racial constitui um fator de privilégio para brancos e de exclusão e desvantagem para os não-brancos. Algumas cifras assustam quem tem preocupação social aguçada e compromisso com a busca de igualdade e equidade humanas.”<sup>19</sup>

Tanto Ana quanto Valéria foram alunas que utilizaram as Caixas Escolares, até pela faixa etária e por precisarem financeiramente de recursos para estudar.

*“Eu era carente e ganhava o material e sempre no recreio , eu e mais alguns íamos para uma sala ao lado do banheiro e ganhávamos merenda. Quando saíamos sentíamos vergonha porque éramos zombados por causa disso, lembro-me até hoje: eram seis no meu turno e cinco eram negros”.Valéria*

Também Ana conta esses eventos como das recordações mais profundas deste período:

*Como eu era pobre a escola tinha a Caixa. E a escola dava para os alunos da Caixa calçado, pasta, caderno, lápis, borracha, o mínimo do material escolar. O sapato era um horror, eu tinha uma vergonha de ser da Caixa, uma vergonha... Eu nunca dizia pra ninguém. Os meus colegas sabiam por que os professores chamavam. O professor é uma raça boa, não faz nenhuma cerimônia. “vem cá, tu és da Caixa? Então vai ao dentista, vai ao médico!” Professor adora (risos)...*

*Mas me lembro que um dia eu estava com aquele sapato horroroso, era um sapato totalmente diferente dos que usavam aqui em Santa Maria, aí uma guria metida que tinha uma loja ali na avenida disse assim: “Tu és da Caixa”. Eu fiquei olhando e quis saber por quê. Então ela respondeu que era meu sapato!Ela disse: “-Olha teu sapato!”*

Para Kessler, Jacks e Bisognin (2008, p. 45): “A cidade se expandiu em direção à Avenida Rio Branco, devido ao desenvolvimento proporcionado pela instalação recente da ferrovia. Era imprescindível unir o centro com a Viação Férrea para dar as condições urbanísticas necessárias ao seu crescimento”.

<sup>17</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Nota minha.

<sup>18</sup> Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Nota minha.

<sup>19</sup> Grifo do autor.

A avenida aqui mencionada era a Avenida Rio Branco, pois era neste período a mais importante da cidade e o centro de Santa Maria acontecia a partir dela, já que ela terminava na Gare, então ativa. Boa parte da vida da cidade nesse período acontecia aos arredores da avenida. Hoje decadente, difícil de imaginar que era um lugar muito badalado e marco da História da cidade, sobretudo da História ferroviária, então prosperando no período supracitado.

Ana também recorda o último presente que ganhou da Caixa, que deixou uma marca muito forte:

*“E a última contribuição da Caixa pra mim foi no Bilac, no inverno, eu estava me lembrando disso essa semana. Um inverno rigoroso, muito frio que fez, até nevou em Itaara<sup>20</sup>. Eu usava um casquinho cinza da mãe, então me chamaram e me compraram uma japona. Mas aí eles me chamaram e perguntaram, disseram que iam comprar um presente e queriam saber se eu aceitava. Eu disse que aceitava sim. Ganhei uma japona que durou anos, séculos... (choro)”. Ana*

*“Minha mãe alvejava os sacos, fervia, lavava... deixava como se fosse uma peça de linho e fazia nossos aventais, os uniformes para a escola”. Ana*

O imaginário da pobreza, do não vestir-se como a maioria atravessando as entrevistas. Ana muito emocionada quando recorda esse momento. Tive, em inúmeras vezes que desligar o gravador e parar a entrevista para que Ana ficasse mais à vontade e chorasse.

Também nesse sentido, Gomes (2003, p.78) afirma: “A fome, a pobreza e a desigualdade têm incidido com mais contundência sobre os descendentes de africanos em nosso país do que em relação ao segmento branco. Como dizem alguns pesquisadores: elas têm cor”.

Baseados nesses argumentos, muitos pesquisadores, defendem que a saída urgente para tal desigualdade reside justamente na adoção de políticas afirmativas. Vivemos em um país em que a exclusão das pessoas negras é acentuada e ainda assim é necessário recorrer a dados constantemente para justificar a adoção de políticas afirmativas.

Sobre o baixo poder aquisitivo de grande parte da população negra, Cavalleiro (2005, p. 66) coloca: “No tocante a economia, pode-se verificar que a população negra desfruta pequena participação nos resultados do desenvolvimento alcançado pelo país e não apresenta

---

<sup>20</sup> Município vizinho.

condições semelhantes de crescimento socioeconômico pelo qual passam as populações branca e amarela”.

O país ainda possui uma população negra de baixa renda, bastando olhar os índices do IBGE, mesmo assim, algumas pessoas ainda concebem a não existência de uma barreira racial que também é econômica.



### 2.3.2 Seus olhares para a escolha do Magistério<sup>22</sup>

*“Uma mulher nesta terra tem que estar preparada para o pior”.*

Érico Veríssimo

<sup>21</sup> Um dos artistas que realizou os desenhos da dissertação fez uma pasta para mim com essa capa, com os trechos da música *A carne negra*.

<sup>22</sup> Magistério tomado aqui como o exercício da docência e não com o fato de se ter frequentado a Escola Normal.

Um dos meus pedidos a elas era que me contassem sobre sua trajetória profissional. Em suas vozes, foi possível até mesmo identificar marcas dos seus tempos, algumas trazendo a questão vocacional e outras, já pensando no Magistério como um lugar importante de se desenvolver projetos e aprender.

Ana e Rute narram da seguinte maneira sua escolha pelo magistério:

*“No Bilac<sup>23</sup> eu aprendi a amar o Magistério, ali que eu aprendi a ser professora. Eu sou uma pessoa vocacionada a lecionar. Eu gosto muito de lecionar”. Ana*

*“Essa escolha se deve também a experiência que tenho com as crianças da igreja que frequentava”. Rute*

Sendo Ana a mais madura das colaboradoras e Rute a mais jovem é perceptível a maneira como o tempo em que viveram aparece em seus discursos. Para Ana, ainda é forte a ideia de vocação para seguir o Magistério, enquanto Rute não a tangencia, parte de um elemento vivido na empiria de sua escolha.

Na geração de Ana, o Magistério entre as mulheres era algo mais comum. Para Louro (1987, p.15): “Mas começa-se a admitir mais amplamente a atividade profissional fora do lar para as que “precisavam” trabalhar e nesta atividade realce o magistério primário, atingindo a classe média”.

Também é possível, aliada à ideia de vocação, refletir sobre as questões de gênero relacionadas. Será que a maioria das pessoas “vocacionadas” ao Magistério são homens ou mulheres? Por que o Magistério seria uma profissão na qual automaticamente o feminino é atrelado?

Sobre gênero e magistério, trago a contribuição de Pinto e Miorando (2000, p. 221):

Provavelmente não foi devido às aptidões naturais que as mulheres predominam nessa profissão. O que cabe exaltar é que esse não é resultado de um momento isolado, mas, ao contrário, trata-se de um processo de socialização que inscreve características eminentemente feminilizadas ou masculinizadas, inclusive para a ocupação profissional que cada sexo assume.

---

<sup>23</sup> Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac.

Já Valéria e Bibiana, que cursaram na segunda metade dos anos 1990 as suas licenciaturas, atribuíram outro sentido a sua escolha:

*“Tentei várias coisas para me colocar profissionalmente, entre elas ser soldado da Brigada, dei aulas de capoeira em outros municípios, trabalhei em supermercados, porém foi quando terminei o Ensino Médio que decidi prestar vestibular para Educação Física, já que eu definitivamente queria ser uma mestre de capoeira. Eu queria aprender como processava o corpo humano, querendo aprender sobre os esportes e desenvolvendo projetos com capoeira na universidade”.*  
Valéria

*“Eu optei por Letras, pelo curso de Letras em função de ter tido uma gravidez na adolescência porque eu pensava que fosse estudar só de noite, pois o curso era noturno. Fato que jamais aconteceu, pois eu passava o dia na UFSM também”.* Bibiana

É possível notar nos seus discursos sobre a escolha da profissão um pouco até mesmo de suas histórias, pois Bibiana ainda que fosse mãe precoce, pôde escolher uma profissão. Valéria, por sua vez, precisava também se preocupar com a subsistência.

Ainda sobre a presença significativamente feminina no Magistério, Pinto e Miorando (2000, p. 223) afirmam:

Alguns mitos acabaram por acompanhar, durante muito tempo, o motivo do magistério ter essa predominância feminina. Seja o salário como sendo considerado uma renda complementar à do marido, seja a possibilidade de a mulher conciliar o trabalho doméstico com a docência, já que esta pode ocorrer em tempo parcial, embora saibamos que existe um tempo no trabalho docente que não é pago, mas é trabalhado.

Embora nenhuma tenha trazido a questão de gênero aliada diretamente ao magistério em seus discursos, Bibiana escolheu um curso noturno justamente porque pensava em ficar em casa durante o dia, ocupada com o filho e com o trabalho doméstico. Poderia então ter cursado Direito, que a UFSM<sup>24</sup> oferece à noite, ou ainda Ciências Contábeis, entretanto, em seu imaginário, cursar a faculdade de Letras não ocuparia de forma tão efetiva seu tempo. Fato desde o início, segundo ela, compreendido que foi enganoso: o curso tomava-lhe tanto tempo que muitas vezes foi necessário passar também o dia no campus universitário. Cursar uma licenciatura não é tão simples quanto possa parecer.

---

<sup>24</sup> Universidade Federal de Santa Maria.

Também sobre a presença feminina no magistério, diz-nos Perrot (2001, p. 127/128): “Depois da Segunda Guerra Mundial a situação muda radicalmente.. E o ensino, atualmente, é uma profissão amplamente feminina, da qual se diz que “é boa para mulher”<sup>25</sup>. O que não é necessariamente bom sinal”.

A ostensiva presença das mulheres nos trabalhos relacionados à educação, sobretudo na educação básica tem sido objeto de inúmeros estudos e conjecturas. A profissão de professor ou de professora também passa hoje por uma questão de gênero. Embora já haja homens nos anos iniciais, eles ainda são em número inferior se comparados às mulheres.

Essa leitura é possível ser feita através até mesmo dos meios de comunicação que já direcionam os seus materiais didáticos ao público feminino, uma vez que, como é conhecimento de todos, quando se vai a uma escola para levar materiais didáticos para vender o que se espera encontrar é um número maior de professoras ao de professores. Quando, por exemplo, vemos propagandas sobre as escolas, não raro os docentes são mulheres. Nos congressos de educação ou nos cursos de formação continuada encontramos pessoas com acessórios femininos para vender, pois o que se espera sempre é uma gigante presença feminina nestes lugares.

### 2.3.3 A militância política

*“Difícil de contar  
Mas fácil de entender  
A razão e a hora  
De quem vive um ideal”.*  
Nei Lisboa

Duas das colaboradoras militaram no mesmo partido em que militei, o Partido dos Trabalhadores (PT). Não convivemos juntas nesta época (militei de 1996 até 2002) porque uma já não vivia em Santa Maria e a outra havia se desligado do partido, mas eu as conhecia de histórias na militância, na vida política. Ambas as que militaram trouxeram em suas vidas a militância como fato importante, embora hoje, já não se identifiquem com o partido.

---

<sup>25</sup> Grifo da autora

*“O meu pai era muito politizado, ele era do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) na época do Getúlio Vargas, então nós fomos assim Getulistas, depois Janguistas depois... Brizolistas. Então veio a revolução, acabou com tudo e eu virei uma petista<sup>26</sup>.” (risos) Ana*

*“Então tudo começou associado à militância política, filiei-me internamente ao Partido dos Trabalhadores, pois era menor, fui presidente do GREMAR<sup>27</sup>, fiz parte da USE<sup>28</sup>”. Valéria*

Para Silva (1998, p. 7):

A indagação sobre o que significa ser mulher e negra, formulada a mulheres militantes [...], mostrou que o configurar-se como mulheres negras implica enfrentar atitudes e posturas discriminatórias, além de exigir combatividade, introspecção, auto-imagem positiva, crítica a relações sociais e propostas para transformá-las.

A própria militância política fez com que as duas se conhecessem em um momento da vida. Ambas já não são mais militantes ativas do partido, mas ainda participam em diferentes espaços de projetos ligados a algum tipo de militância.

Outro apontamento interessante de Valéria sobre a sua participação na política é: *“Fiquei fora da escola por um período, mas sempre militando nos movimentos de esquerda”*. É possível perceber que para a colaboradora Valéria a militância era até mesmo mais significativa que estar estudando ou não.

A esse respeito, Ana coloca:

*“E agora eu sou de esquerda, não sou nem petista, nem sou nada, me considero uma pessoa de esquerda e acho isso importante. E são esses parâmetros que dão o norte da minha vida: o meu posicionamento religioso e a minha posição política de esquerda”*.

Esquerda aqui entendida segundo a definição de Blackburn (1997, p.126): “De modo muito geral, qualquer posição política a favor dos pobres, dos oprimidos e dos desprivilegiados, contra o poder, a propriedade e os privilégios conferidos seletivamente por interesses de classes e estabelecidos por instituições econômicas e sociais”.

Mesmo hoje não carregando bandeiras, deram importância a mencionar esse período de suas vidas. Já não ativas no partido, salientaram esse período, significativo de suas histórias, constitutivo de ambas.

<sup>26</sup> Militante do Partido dos Trabalhadores.

<sup>27</sup> Grêmio estudantil do Colégio Manoel Ribas, nota da autora

<sup>28</sup> União Secundarista dos Estudantes, nota da autora.

Ana herdou o envolvimento com a militância:

*“Era encantada com a inteligência do pai. Nasci numa família que participava das reuniões do partido periodicamente. Meu pai discursava e saía pelas ruas, em época de campanha com um megafone de latão discursando, defendendo seus candidatos”.*

Para Lisboa (2003, p.55): “As mulheres incorporam todos os membros da família, lembram e enfatizam detalhes de suas vidas, colocam sentimentos nas narrativas”.

Ainda sobre as lembranças da militância Ana coloca: *“Meu pai ia para a porta dos Sauer<sup>29</sup> conclamar os sapateiros para greves, combater a exploração dos patrões”.*

É possível que no emaranhado de suas vidas e histórias a questão também surgiu porque narrada a mim, ex-militante, fato conhecida por elas. Também conhecido delas eu ter pesquisado a militância negra em outro momento de minha vida.

Para Santos (2006, p.113): “Muitos dos movimentos emancipatórios das últimas décadas começaram por ser lutas locais travadas contra a exclusão social imposta ou intensificada pela globalização neoliberal”.

Também a militância, em grande medida se fez presente na sua atuação como docente. Ana assim narra seu envolvimento político no trabalho:

*“Quando eu trabalhei para o Pão dos Pobres<sup>30</sup> acho que eu nem ganhava meu dinheiro porque ia todo para as crianças, era para as famílias. Eu tinha um salário do Pão dos Pobres, além da minha aposentadoria e da pensão de viúva, mas dali todo o dinheiro que vinha era para ajudar. Porque eu me envolvia com aquelas crianças, eu me envolvia com as famílias”.*

Interessante o fato de que Valéria amplia a militância a sua atuação enquanto educadora:

*“Segui pesquisando sobre as questões de negritude, pois não consigo mais ver o mundo a partir de outra ótica, apresentei minha tese na UFBA, na Faculdade de Educação, sobre os limites e as possibilidades da implementação da lei federal 10.639/03<sup>31</sup> na rede municipal de ensino de Santa Maria”.*

Tanto Ana, como Valéria e Rute transportaram a militância negra para as pesquisas que fazem. As três pesquisam a área de relações étnico-raciais e educação.

<sup>29</sup> Tradicional fábrica de sapatos que existiu na cidade.

<sup>30</sup> Escola Pão dos Pobres Santo Antonio

<sup>31</sup> Lei que trata da obrigatoriedade do ensino de História Africana e Afrobrasileira na educação básica.

Ainda sobre a militância, Oliveira (2006, p. 51) reforça:

A militância também teve papel importante na trajetória dessas mulheres negras. A participação em movimentos sociais gerou nelas a tomada de consciência quanto a vários aspectos de suas necessidades, trazendo-lhes conhecimentos não só sobre direitos e deveres dos indivíduos em sociedade, mas também acerca da opressão e da negação de direitos; provocou discussões sobre relações raciais e a importância da educação para o segmento negro; e deu-lhes a percepção quanto ao tratamento diferenciado para negros e brancos.

A militância está ligada ao marco pessoal das colaboradoras, suas lutas, seus questionamentos. Os posicionamentos de Ana e Valéria trazem consigo até mesmo terminologias, gírias recorrentes na vida de um militante.

#### 2.3.4 O movimento negro

*“Americana Pátria, morena  
Quiero tener  
Guitarra y canto libre  
En tu amanecer...”*  
Vitor Ramil

O Movimento Negro é um dos Movimentos Sociais mais importantes e ativos de nosso país. Sua participação ainda hoje é muito singular e foi bastante peculiar em Santa Maria na mobilização pró-cotas raciais. Ao contrário de alguns segmentos dentro do próprio movimento que discordaram do apoio à luta pelas políticas afirmativas, em Santa Maria, ainda antes da votação na UFSM, o Movimento já estava articulado e mobilizando os apoiadores favoráveis.

Duas das colaboradoras exaltaram sua participação nele ao longo de sua trajetória de vida. Segundo Valéria:

*“Sempre militei no Partido dos Trabalhadores por acreditar que devíamos transformar os valores que estruturam nossa sociedade, mas com a capoeira comecei a perceber que a militância não deveria ser somente nos partidos de esquerda, mas também a partir do Movimento Social Negro porque lá no partido que eu me insiro existe muita discriminação e preconceito”.*

Foi o esporte, portanto, que mostrou a Valéria a amplitude de ser uma militante, pois, segundo o seu discurso, é maior do que estar simplesmente atrelado a um partido político. Ana, por sua vez, assim relata:

*“Lá por 1992, comecei a achar o pessoal do Movimento Negro muito sectário e achei melhor atuar num campo maior: foi quando fiquei trabalhando com meninos e meninas de rua, considerando que a exclusão social é mais ampla que o racismo”.*

Ana e Valéria foram as únicas das colaboradoras que trouxeram à pesquisa essa vivência de militância e participação no Movimento Negro, curiosamente quando escrevem sobre ele, ao escreverem suas biografias utilizam a sigla MN, jargão entre os militantes.

Segundo Gomes (2009, p.73): “A organização do movimento negro latino-americano, nas suas mais diversas formas de expressão assume, aos poucos, uma nova conformação. Nesse processo, a obtenção de direitos sociais, econômicos, políticos e territoriais soma-se aos direitos à cultura e respeito à diferença”.

Obviamente, com a evolução e ampliação dos direitos sociais também as reivindicações do Movimento Negro foram mudando. Antes se lutava pela participação da mulher no mercado de trabalho, escolarização, ampliação de vagas em creches, hoje a realidade é a luta pró-cotas (de alguns seguimentos), os pré-vestibulares. Na medida em que a sociedade se transforma, também as reivindicações, naturalmente passam a ser outras. Outrora se pensava na mulher negra no mercado de trabalho, hoje se luta para que ela tenha maior possibilidade de escolarização e não se restrinja apenas à realização de trabalhos considerados subalternos em nossa sociedade.

Ainda sobre os movimentos sociais, Santos (2006, p.110) acrescenta:

Na América Latina os movimentos feministas, indígenas e de afro-descendentes têm estado na frente da luta por uma ecologia dos reconhecimentos. A ecologia dos reconhecimentos torna-se mais necessária à medida que aumenta a diversidade social e cultural dos sujeitos colectivos que lutam pela emancipação social [...].

Mesmo que as bandeiras de luta sejam, hoje, cada vez mais distintas e complexas, é necessário que as diferentes lutas continuem. Nossa história teria possivelmente tomado outro rumo se os movimentos sociais não tivessem sempre persistido em se organizar. É como se pensássemos na escravidão sem a existência de quilombos, pensar em momentos difíceis sem alguma forma organizada de resistência. A luta organizada dentro de movimentos sociais é sempre mais forte, obviamente, com mais vozes somadas.

Também nesse sentido, Santana (2001, p.49) relata que:

O contato com outras pessoas negras engajadas na militância contribui para a tomada de posição. Aos poucos, a percepção de que ser negro no nosso país representa diferenciais, principalmente no acesso às oportunidades e às formas de tratamento, vai sendo elaborada no contato com os outros.

É a força de se lutar e sentir-se pertencente a um grupo que tornou o movimento negro forte. Para além das diferenças que a luta e a História mostram, o ideal de igualdade racial é desejo de todos.

Ainda sobre o Movimento Negro, Cavalleiro (2006, p.16) coloca que: “A educação formal sempre se constituiu em marco das reivindicações do Movimento Negro na luta por uma sociedade mais justa e igualitária”.

Obviamente, esse debate, em função da luta pela implementação das políticas afirmativas atuais gira atualmente em torno das cotas, mas a discussão é ainda mais ampla: não é só a luta para que o negro chegue às universidades, mas que também possua as condições necessárias de acesso e permanência à educação básica pública de qualidade.

### 2.3.5 A política de cotas para negros

*“Martín Fierro mató a un negro  
E es casi como se hubiera  
Matado a todos”.*  
Jorge Luis Borges

O debate sobre cotas surgiu também em virtude de eu tê-las encontrado várias vezes em reuniões quando ainda se discutia a implementação de tal política na UFSM. Todas conheciam meu posicionamento favorável e penso que foi inclusive um dos motivos pelos quais aceitaram unanimemente participar do trabalho: conheciam a pesquisa que venho desenvolvendo há anos sobre negro e educação. Não raro eu falava em público porque vinha acompanhando a implantação em outras IES<sup>32</sup> e sempre pensava de que maneira seriam adotadas aqui e quem se disporia a atuar na Comissão de Cotas.

De todas as colaboradoras, Rute foi a única que acompanhou toda a discussão e implementação como aluna. Todas elas se dizem a favor da política de cotas para negros, um dos temas inclusive de pesquisa de Valéria no doutorado. Rute assim coloca:

---

<sup>32</sup> Instituto de Ensino Superior.

*“Outra vez estávamos falando sobre cotas e eu estava no primeiro ano do ensino médio. Nessa época ainda quando falavam em cotas diziam que era mais discriminação e tal. Fiz então um texto, eu já era a favor e os meus argumentos foram amadurecendo. Minha professora de História me disse que a partir do texto ficou em dúvida se era a favor ou não. Aquilo pra mim foi importante: eu coloquei em dúvida a professora”.*

Em outro momento da entrevista, também Rute salienta as cotas: *Meus professores na Pedagogia eram bem contra cotas, utilizavam aqueles mesmos argumentos sobre a dívida. Eu até nem utilizo a questão da dívida: me valho de outros”.*

Sobre o texto que escreveu para a professora, ainda Rute salienta:

*“Eu até errei o texto porque coloquei que as cotas seriam uma dívida social. Coloquei que os negros trabalharam sem receber nada durante duzentos anos. A professora riscou e colocou quatrocentos. Expliquei então a ela que de certa forma ela até melhorou meu argumento”.*

Ao contrário do que muitos pensam, a política de cotas não foi bem recebida na UFSM. Que esteve presente na votação do CEPE (Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão) sabe que foi uma votação histórica. Estive lá não só como estudante, também como membro naquele período do Movimento Estudantil e obviamente torcendo pela aprovação. Encontrei Valéria nesta votação, muito emocionada, a colaboradora não me conhecia, porém era um momento de tanta tensão que não a abordei para conversarmos naquele dia. Ela estava junto aos membros do Movimento Negro de Santa Maria, RS.

Nesse sentido, Piovesan (2005, p. 39) afirma:

As ações afirmativas enquanto políticas compensatórias adotadas para aliviar e remediar as condições resultantes de um processo discriminatório cumprem uma finalidade pública decisiva para o projeto democrático, que é q de assegurar a diversidade e a pluralidade social.

Foi uma das reuniões mais demoradas da História do CEPE/UFSM e a política de cotas venceu por muito pouco: um voto serviu como o voto de Minerva<sup>33</sup>, para que hoje alunos negros tenham a oportunidade de ingressarem como cotistas na UFSM.

Segundo Nassar e Messias (2007, p.26): “Na Universidade Federal de Santa Maria, a resistência às cotas raciais não foi diferente de outras universidades. Entretanto,

---

<sup>33</sup> Clássico voto de desempate proferido pela deusa grega Palas Atená.

a luta organizada dentro e fora da universidade culminou com a aprovação, no dia 13 de julho de 2007, da reserva de vagas raciais nesta instituição”.

Era sabido de todos que um dia a discussão chegaria à UFSM, pois em algumas universidades federais já estava sendo realizada a implementação. Quando se decidiu que no CEPE daquela semana seria a votação (as reuniões de CEPE normalmente acontecem nas manhãs de sexta-feira, salvo algum assunto extraordinário), a comunidade militante negra começou a se movimentar. Ironicamente, brincava-se que era uma sexta-feira treze.

Ainda neste sentido, alerta Mello (2007, p. 51): “Um exemplo que explica como o mito da democracia racial pode se consolidar como ‘visão de mundo’ no Brasil tem a ver com o que foi colocado nos muros da UFRGS<sup>34</sup> como manifesto contra as cotas raciais: ‘negro só entra na UFRGS para cozinhar no RU’”<sup>35</sup>.

Sobre as cotas, Bibiana relata:

*“Com relação às cotas eu era contra. Eu achava que como eu fui pra federal e não tive cotas, eu pensava, ah, não eu tive que estudar, agora o pessoal vai entrar. Conversando com um professor de História, um colega que já faleceu, muito próximo, de origem polonesa,, ele me disse que se eu não ia ajudar não era para atrapalhar (risos). Ele me lembrou que tive uma boa criação, um bom nível, coisas que muitas pessoas não tiveram e passaram por preconceito, por opressão. Entendi o que ele quis me dizer. Meu mundo foi outro, poderia ter sido de miséria, de injustiças”.*

Desde então, também Bibiana tenho encontrado nos eventos sobre as ações afirmativas no município de Santa Maria, RS. Foi um colega que a fez rever o que pensava, um colega branco. Assim como a professora de História de Rute a induziu a explorar melhor seu argumento pró-cotas raciais, também foi o colega de Bibiana, o qual era professor de História quem a fez repensar seu antigo posicionamento.

Aliadas às discussões das políticas afirmativas e em prol delas, recorrentemente nas pesquisas é necessário fazer uso de dados quantitativos, a fim de que corroborem o argumento de não contingência. Segundo Queiroz (2003, p.30):

A análise confirmou os resultados encontrados na UFBA, indicando que a universidade brasileira é um espaço de predomínio de brancos. Em quase todas as universidades os brancos representavam proporções superiores à metade dos

<sup>34</sup> UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Grifo meu

<sup>35</sup> RU: Restaurante Universitário. Grifo meu.

estudantes. A comparação entre a representatividade dos segmentos raciais nas universidades e a sua expressão na população de cada estado, revelou significativas distâncias, apontando para a sobre representação dos brancos e a sub-representação dos negros.

Possivelmente foi a análise de dados qualitativos que deram força à adoção da política de cotas. Caso contrário, é possível que ainda hoje estivéssemos naquelas discussões superficiais, com os argumentos contrários de quem burlaria ou não o sistema. Foi necessária resistência e luta, para que as cotas se transformassem em realidade nas universidades brasileiras.

### 2.3.6 O imaginário racial: o cotidiano e suas pequenas batalhas

*“A verdade é que você  
Todo brasileiro  
Tem sangue crioulo  
Tem cabelo duro  
Sarará crioulo”.*  
Sandra de Sá

Para Rute: *“Então no Ensino Fundamental essa história do preconceito tinha mais em relação ao cabelo, um menino passava por mim e gritava, falava apelidos, dizia que meu cabelo era Bombril.”<sup>36</sup> Ele falava coisas ruins. Sabia que eu não gostava, que eu me sentia mal com aquilo tudo. Eu não contava para os outros. Eu era criança e sofria (Voz agora embargada).<sup>37</sup>*

Também Rute lembra de uma pergunta de um aluno que não parava de olhar para o seu cabelo, logo no início do estágio: *“- Professora tu é baiana?”*

Rute também salienta o fato de ter vivido intolerâncias pela religião que durante um tempo de sua vida escolheu ser devota: *“Incomodavam-me por causa da religião, no caso Evangélica, também pelo uso da saia para fazer as aulas de educação física ou para fazer alguma coisa que eu precisasse me locomover, algo assim”.*

---

<sup>36</sup> Marca famosa de esponja de aço.

<sup>37</sup> Grifo meu

Ana conta uma história sobre apelidos: *“Quando, em tenra idade averiguava com minha mãe a origem de seu apelido ela costumava me contar que desde que o mundo é mundo, existem apelidos”*.

Na sua história de vida escrita, ao me entregar, Ana fez duas crônicas contando-me fatos marcantes, o que naturalmente não me surpreendeu porque apesar de eu nunca a ter lido, sabia que ela escrevia muito bem, tal como ouvi de alguns colegas professores. Um dos textos tinha o seguinte título: Mil razões para eu detestar apelidos.

Nesse texto, dentre outros fatos pitorescos de sua existência, Ana conta o seguinte: *“Perto da minha casa havia uma menina que mexia comigo toda vez que eu passava. Toda vez que ela passava por mim cumprimentava-me dizendo: - Bom dia negrinha da Boleta!”*<sup>38</sup>

Também sobre os apelidos, Ana revela: *“Acho que naquela época, os nomes próprios não tinham muito valor. Toda vez que eu chegava nas patroas da minha mãe, para buscar ou levar as trouxas de roupa, sempre era anunciada como a “a negrinha da lavadeira ta aí”*<sup>39</sup>”.

Ao pedir para uma professora para trocar de turma, pois queria ficar na turma de sua amiga, Ana pondera: *“A professora muito educada me olhou, eu era uma enorme negra trançada, com tranças muito compridas”*.

Sobre as manifestações alusivas a sua cor, Ana acrescenta: *“Conheci o racismo ainda pequena. Na rua, onde eu e minha irmã passávamos, algumas meninas nos chamavam de “Negrinhas da dona Boleta”!*

Bibiana, por sua vez, traz a marca de um casamento inter-racial: *“Quando meu filho nasceu, a família de meu marido foi ao hospital para saber que cor ele tinha e como era o cabelo dele”*.

Sua melhor amiga dos tempos de faculdade, um dia lhe disse: *“Eu gosto de ti, mas tu não é negra. Então eu brincava: Loira também não sou. (risos)”*

Também há uma ênfase de Bibiana para o cabelo: *“Meu cabelo é crespo, mas costumo alisar porque facilita para arrumá-lo. Todo mundo questiona porque aliso. Agora, se pinto, todos acham absolutamente normal”*.

---

<sup>38</sup> Boleta era o apelido dado carinhosamente pelo avô à mãe de Ana.

<sup>39</sup> Grifo da colaboradora

Também sobre a infância Bibiana associa brincadeiras sobre o seu cabelo:

*“Então em relação ao meu cabelo eu procuro sempre deixar penteadinho, sem nenhum fiozinho e talvez tenha sido uma marca da infância porque quando a gente queria pentear o cabelo diziam olha o cabelo dela, é alto, é grande. Quando eu abri uma vez a janela e vi o João <sup>40</sup> passar, pensei ai, vou fechar a janela porque ele vai me ver toda despenteada. Ele sempre com os cabelos lisinhos, bonitinhos, cheirosinhos. Isso me marcou muito, meu cabelo hoje sempre tem que estar preso, bonitinho, ajeitadinho”.*

O Brasil, assim como outros países, adotou uma visão etnocêntrica europeia. Não nos surpreende que nas narrativas das colaboradoras alguns desabafos sobre ser negra em um mundo que adotou ser branco como natural. Ser mulher e negra em um mundo acostumado com o discurso branco e masculino, obviamente significa lutar contra alguns modelos impostos e abrir caminhos.

Para Paula (2005, p. 187):

Entre os variados sentidos aplicados ao branco e ao negro, na sociedade brasileira, em geral, considera-se o branco positivo e o negro negativo. A dicotomia caracteriza esses elementos e é veiculada no cotidiano, na mídia e nas instituições: a luz/a escuridão, o bem/o mal.

Acostumamo-nos a pensar com contrastes, a atribuímos a nossa estrutura de pensamento esses binários. Não poderia ser diferente a lógica de que o povo que um dia foi escravizado em nosso país se constituísse mais tarde ainda como subalternos.

Sobre a questão do cabelo, afirma Gomes (2003, p.80): “O cabelo crespo é um dos argumentos usados para tirar o negro do lugar da beleza”.

Talvez resida justamente nesse sentido a escolha dos estudos no campo do Imaginário e até mesmo de atrelar meu trabalho ao Imaginário. Para mim é acreditar na perspectiva de transformação e de que, sobretudo, não há mudança que não possa acontecer. Não há ordem que não possa ser questionada. Mesmo que não possamos reverter a realidade, podemos inquietá-la, propor, reorganizar.

Ainda sobre o cabelo, Barzano (2009, p. 14), coloca, na análise de um documentário que apresenta uma determinada reunião de professores, o desabafo de uma professora: “Foi minha avó quem deixou meu cabelo lisinho, porque meu cabelo era ruim, meu cabelo era ruim de pentear”.

---

<sup>40</sup> Pai dos seus dois filhos

O cabelo do negro e da negra, ainda é visto como um cabelo ruim, como uma espécie de dicotomia, pois se existe um cabelo ruim é porque necessariamente existe um cabelo bom. Por que o cabelo do negro não se tornou o cabelo bom?

Também nesse sentido, Barzano (2009, p.14) continua: “A marca de racismo, que atravessa séculos, fez com que a avó deixasse o cabelo da neta liso para que ela não passasse vergonha em um lugar, que por princípio, isso não poderia acontecer: a escola”.

A avó, possivelmente tendo sido também vítima de situações de racismo, alisa o cabelo para proteger a neta. Muito mais que o cabelo ruim, como é chamado pela neta, pode-se ler também uma forma de proteção, um cabelo liso possivelmente diminuiria as brincadeiras de cunho racial.

Segundo Kurek (2009, p. 35):

Nesse caminho, o imaginário afirma-se como um campo em profunda ressonância não somente com questões essenciais para a compreensão do humano e sua complexidade, como também se afirma como campo de produção teórica indicando conceitos e métodos diferenciados à daquela racionalidade que combate.

A pretensão do trabalho não é considerá-las vítimas ou algozes, é sim desenhar com elas as possibilidades da vida que escolheram, do plano do possível, do vivido e daquilo que se queria, do que se sonhou.

Muitas vezes, quando me contavam suas histórias eu imaginava para elas uma vida diferente. É essa possibilidade humana que trago neste trabalho: de não esquecermos essa dimensão singularmente nossa, de não perdermos a capacidade de sonhar. Sobretudo, de não pensar tal capacidade como apenas pertencente ao campo da poesia, da arte, porém também acreditá-la e entendê-la como parte de grandes discussões teórico-metodológicas.

Para Kurek, (2009, p.35):

O caminho para que a imaginação tenha a atenção que merece será um caminho desafiador e fascinante. É um caminho de choque com teorias já muito bem sedimentadas, contra as quais será preciso criar e justificar uma nova perspectiva. O imaginário então ganha força mostrando que não se distancia do real, mas sim que está considerando elementos que dão ao real mais complexidade.

Aos questionamentos sobre o lugar icônico da razão instrumental, abriram-se caminhos a várias teorias. Não sem lutas como todo o caminho que precise ser

desbravado. Para que hoje seja possível utilizar o Imaginário enquanto referencial, alguns teóricos um dia o idealizaram e sonharam com sua possibilidade. Reflexo de suas conquistas, hoje, aqui estamos com inúmeros trabalhos como o meu nos espaços acadêmicos.

### 2.3.7 A presença da mãe

*“El tiempo  
Es olvido y es memoria”.*  
Jorge Luis Borges

Presença constante das quatro entrevistas, a figura da mãe ocupando um lugar privilegiado na vida das quatro colaboradoras. Mesmo àquelas que já não têm mais a mãe viva e o mais interessante: lembrando até mesmo os castigos severos. A mãe não só vista como deusa, mas também a mãe rígida, enérgica de algumas. Suas mães são assim descritas:

*“Minha mãe não sabia direito arrumar meu cabelo porque ela é mestiça”.* Rute

*“Muito esforço da minha mãe para que ficássemos sempre juntos”.*  
*“Minha mãe ligada diretamente à religião de matriz africana dividia seu tempo entre a casa, as costuras e suas crenças”.* Valéria

*“Minha mãe era muito forte, trabalhava com muita disposição e vigor”.* Bibiana

*“A minha mãe teve vivência como empregada doméstica em casas de advogados, de juízes,, então a mãe nos deu uma educação muito severa.”* Ana

*“Minha mãe era irmã da Bembém, da Querida, da Doninha, do Miguelzinho e assim por diante. Seu apelido Boleta era quase um codinome, pois todos seus amigos, parentes e vizinhos, a tratavam por Boleta. Isso aconteceu lá pro lado do Yanduí, interior de Alegrete <sup>41</sup>, onde minha mãe nasceu e se criou. Considero que dona Lucília, minha mãe, gostasse do apelido, pois não é que ela casou-se, veio morar em Santa Maria e apresentou-se aqui, como Lucília ou Boleta? Toda a vizinhança a tratava por Boleta e ela parecia que adorava”.* Ana

*“Esqueci de apresentar dona Boleta - mulher austera, disciplinada e rígida. Com ela era pau-pau, pedra-pedra”.* Ana

---

<sup>41</sup> Município gaúcho

Para Gomes (1995, p.121): “Alguns dos depoimentos nos mostram a importância das famílias paterna e materna, seja como referência da origem racial negra, seja como aqueles que introduziram a professora, ainda criança, na complexa discussão da raça”

Também sobre a mãe, Ana relata: *“Depois de adulta comecei a dar um valor todo especial para ela, pois entendi que o prêmio para a mulher após o parto. Minha mãe conhecia os liames do parto, saía do hospital com as mamas cheias, mas não tinha a quem amamentar. E isso se repetiu por sete vezes. Admiro muito sua perseverança e só passei a ter essa visão a pós ter sido mãe”*.

Em outro momento, também salienta a figura materna: *“Minha mãe era uma negra linda, personalidade forte e exercia o ofício de lavadeira”*.

A família ocupa, sem dúvida, um espaço privilegiado na vida das colaboradoras, em especial a mãe, pois independente da idade todas elas tiveram uma forte influência da materna, mesmo no caso de Rute em que a mãe não era considerada negra como ela. A mãe de todas ganhou reconhecimento e espaço singular em suas vidas.

A mãe de Bibiana também é há muitos anos falecida, porém enfatizada em vários momentos da entrevista, dada a importância que inscreveu em sua vida. Neste sentido, Foutora (2005, p.190) explicita:

São, portanto, os acontecimentos e as ações que balizam o percurso da vida. E note-se que estes acontecimentos e ações não ocorrem no vazio social. Acontecem ou realizam-se com os outros: a família, os formadores, os amigos, os colegas, enfim os outros que existem em relação ao indivíduo num grupo e num tempo específicos.

Sem dúvida a presença da mãe como das demais pessoas da família foi definidora das mulheres que as colaboradoras se tornaram. Mesmo que pertencentes a distintas gerações, desde a colaboradora mais madura a mais jovem, enfatizam a mãe em seus trajetos de vida.

Para Lisboa (2003, p.82): “A presença da mãe é básica para a vida e, às vezes, para a sobrevivência da família. Ela é o suporte, o apoio, o refúgio, não somente em termos materiais, mas principalmente em termos psicológicos e afetivos”.

O imaginário da mãe foi sempre de quem cuidou da estrutura da casa e do cuidado com os filhos, responsável por cuidar de perto cada uma delas, independente da religião que seguiram u de haver um ai por perto. Foi com alegria e nostalgia que a mãe de cada colaboradora foi descrita.

### 2.3.8 A figura paterna

*“Pra que digam quando eu passe  
Saiu igualzito ao pai”.*

Não só a presença da mãe foi ponto convergente nos quatro relatos como também a participação do pai na vida delas. Mesmo Valéria que perdeu seu pai cedo faz referência a ele em seu relato. Todas trazem a marca do pai.

Para Ana:

*“Meu pai trabalhava como mensageiro na gare da estação férrea de Santa Maria. Os mensageiros eram em torno de trinta homens que usavam calça e casaco de cor azul clara e um quepe, numerado. Meu pai era o duzentos e vinte. Sua função: receber os passageiros, carregar suas malas até os táxis ou carroças que esperavam lá fora, e até, carregar alguns passageiros para os hotéis mais próximos”.*

A profissão de seu pai foi um dos elementos mais marcantes da infância e juventude da colaboradora, uma vez que, ao defini-lo, Ana menciona não só a profissão, talvez pela pouca idade da entrevistadora também sentiu a necessidade de elucidar o papel que o cargo de seu pai desempenhava na ferrovia. Sem dúvida seu pai foi singular na sua história. Importante destacar também que o mensageiro não era um funcionário da ferrovia era uma espécie de trabalhador autônomo.

Rute, por sua vez, descreve desta maneira seu pai: *“O pai é formado em Cooperativismo, curso hoje extinto na UFSM e sempre morou nesta casa. Depois que a Cooperlar<sup>42</sup> fechou ele passou a trabalhar como autônomo”.*

Muitas vezes ao ir a sua casa realizar a entrevista seu pai estava presente. Sempre muito atencioso e carinhoso com a filha. A família sempre muito presente na vida de Rute, fato perceptível em sua própria história.

Segundo Scholze (2006, p.118): *“Viveram suas infâncias e adolescências cercada por familiares e como membros de comunidades que ajudaram a construir suas visões de mundo, configurando papéis reservados a elas tanto no grupo familiar como na sociedade”.*

---

<sup>42</sup> Extinta Cooperativa popular de consumo de Santa Maria, RS.

Valéria, por sua vez, faz a seguinte referência a seu pai:

*“As coisas se tornaram difíceis depois da morte de meu pai porque antes ele dava conta de nos sustentar (era um babalorixá<sup>43</sup> conceituado na cidade), inclusive meus irmãos estudavam no Colégio Centenário<sup>44</sup> e pagando para isso na época era raro afrodescendentes em escolas particulares porque o custo era alto”.*

Quando Bibiana descobriu, há alguns meses atrás que tinha uma irmã que nunca havia conhecido, todos questionaram se era por parte de seu pai. Segundo ela: *“Até imagino o motivo pelo qual, todos me fazem esta pergunta”.*

Também Bibiana conta de seu pai: *“Meu pai trabalhava na CEEE<sup>45</sup> então não passamos por necessidades”.*

Bibiana ainda relatou não ter tido uma maior convivência com o pai por ter muito jovem ido morar com tios que moravam mais perto de sua escola, o que acabou favorecendo o afastamento.

Sobre a presença paterna na vida das mulheres, Moita (1995, p.135) aponta:

Num primeiro tempo, os pais queriam assegurar às raparigas os estudos suficientes para um eventual recurso a uma vida profissional efectiva, mas o que lhes interessa particularmente era dar-lhes oportunidade de fazer aprendizagens no campo cultural e social.

Nenhuma das colaboradoras encontrou resistência paterna para estudar, independente da escolaridade que seus pais possuíssem ou não. Talvez esse seja um dos laços fortes que as façam lembrar e mencionar seus pais na pesquisa.

### 2.3.9 Ser mulher...

*“Não se nasce mulher.  
Torna-se mulher”.*  
Simone de Beauvoir

O fato de serem mulheres transitou nas entrevistas, de forma interessante na medida em que foi narrado por elas sem ser colocado, explicitado por mim. Não

<sup>43</sup> Grifo da colaboradora, um membro da religião umbandista.

<sup>44</sup> Instituto Metodista Centenário, tradicional escola privada da cidade de Santa Maria, RS.

<sup>45</sup> Companhia Estadual de Energia Elétrica

valorizei a categoria gênero, para que não se sentissem pressionadas a falar sobre. Ainda assim, foi presente nas entrevistas.

Para Valéria:

*“Trabalhei em várias academias dando aula de capoeira, era a única mulher na cidade qualificada pra isso e sentia orgulho de ser, pois ainda hoje a capoeira é um cenário extremamente masculino com todos os preconceitos que se possa ter em relação a mulher, inclusive nas cantigas de roda”.*

Já Bibiana, pertencente a mesma faixa etária, coloca: *“Eu pensava que eu ia ser uma boa mãe, que eu ia ficar em casa estudando, cuidando do meu filho, fazendo algo tranquilo, não ir para a faculdade, porém eu sempre gostei muito de estudar”.*

Também Ana, pertencente a uma geração em que as mulheres casavam e tinham filhos muito cedo, coloca a questão de Bibiana:

*“Em várias ocasiões pensava que o melhor seria a separação, mas nunca tive a coragem suficiente para enfrentar minha família. Deixei o barco correr. Acho que não tenho perfil para esposa, mãe, dona de casa... Fiquei viúva com trinta e oito anos e não quis mais nenhum relacionamento. Optei por voar”.*

Valéria sente a opressão feminina no esporte que pratica e que possivelmente fez a diferença na sua vida: levou-a a querer fazer faculdade, prosseguir os estudos.

Bibiana, contudo, atrela ser uma boa mãe aos afazeres domésticos, aos cuidados com o filho.

Segundo Louro (1987, p. 12): “Sabemos que há uma ideologia que prega um perfil feminino dócil, submisso e obediente, uma mulher dedicada apenas às funções de mãe ou à participação profissional condizente com essas funções e que esta ideologia foi sendo construída ao longo dos tempos”.

Também a esse respeito, coloca-nos Scholze (2006, p.118): “Ela, a mulher, parece se desculpar ao sair de casa para trabalhar”. Enquanto para os homens o espaço público é e sempre foi habitual, a mulher ainda precisa construir argumentos e justificar os motivos de não estar presente todo o tempo no âmbito privado.

O trabalho, tanto para Bibiana como para Ana, sempre foi algo que as constrangeu na medida em que as limitava a permanecer mais tempo cuidando das atividades de casa. Ainda sobre a questão de gênero no mercado de trabalho, Silva

(2001, p.56) aponta: “As atividades profissionais exercidas pelas mulheres sempre foram consideradas de menor importância dentro do contexto social”.

Ainda que tenhamos aumentado nossa participação no mercado de trabalho, algumas mulheres ainda sentem culpa de não permanecer mais tempo em casa e se punem por gostar de trabalhar fora do privado.

Sobre sua infância, Bibiana diz: *“Eu sempre fui muito moleca, de brincar com os meninos, de jogar bola, brincar de carrinho”*.

A despeito de ter uma filha mulher, diz: *“Eu não sabia brincar com menina”*.  
*Bibiana*

Ana, a mais madura coloca: *“Desde pequenas ajudávamos nas lidas domésticas”*.

Rute como só ingressaria na segunda turma de seu curso, ou seja, no segundo semestre, relata como foi o primeiro semestre daquele ano: *No primeiro semestre eu fiquei em casa fazendo serviços domésticos”*.

Ana e Rute apresentam a maior lacuna etária: uma na faixa dos sessenta anos e a outra dos vinte, porém ambas foram acostumadas a ajudar nas tarefas domésticas.

Para Paraíso (1996, p.14): “Entende-se, dessa forma, que o masculino e o feminino, são construídos através de práticas sociais masculinizantes e feminilizantes, de acordo com as concepções em cada sociedade”.

Há uma longa distância temporal que separa a vida de Rute e Ana, tendo Ana até mesmo idade para ser a avó de Rute. É possível perceber que, entretanto, apesar de os mais de trinta anos que as separam, ambas foram educadas com o costume de auxiliar em suas casas. Hábito esse fácil de vermos perpetuado ainda nos dias atuais, em que as filhas mulheres auxiliam as lidas do lar.

Segundo Perrot (1998, p. 11): “Para os homens, o público e o político. Para as mulheres, o privado e seu coração, a casa”.

Obviamente não se quer pensar, a partir disso, que ambas não romperam com os seus tempos. Só é passível de observação o fato de ambas terem sido educadas dessa forma, quando meninas ajudando nas tarefas domésticas. Não pretendo aqui recair no maniqueísmo machismo versus feminismo, penso como simplista demais para pensarmos na questão homem e mulher. A instigação única é olhar para os diferentes tempos e espaços que ambas ocuparam e viveram.

### 2.3.10 Memórias de estudantes...

*“De vez em quando no horizonte do passado surge uma nuvem de lembranças andarilhas”.*

Luis Carlos Borges/Humberto Zanatta

Das lembranças dos tempos de aluna da educação básica, Ana recorda:

*“Foi no quinto ano primário que tive uma professora, verdadeira megera, ela fazia pouco em mim. Dava pra ver que não gostava de alunos negros. Neste período de minha infância o racismo era de meus colegas que colocavam apelidos e riam muito de mim. Eu tinha dificuldades de pronunciar os encontros consonantais: cl, fl..., a cada leitura que eu fazia, pronunciando erradas as palavras, era uma verdadeira festa para os meus colegas. Todos riam de mim. Não lembro de ter sido defendida por algum professor”.*

Outra das questões que Ana fez mais questão de me contar diz respeito a seu período de Normalista. Assim ela a apresenta:

*“Eu estava terminando a escola Normal, na época da ditadura em 1967 e fizemos um trabalho. Deveríamos entregar um relatório. No relatório eu fiz uma série de críticas ao curso, ainda acho que é assim: tu tens que avaliar para melhorar. Então eu achava que tinha muita teoria, pouca prática (risos), coloquei toda essa questão no relatório. Eu fiz críticas a escola e sabe que quase fomos cassadas? Ainda bem que outras também fizeram, se eu tivesse sozinha nem sei o que teria me acontecido”.* Ana

*“Nós éramos quatro alunos que fizemos as críticas e eles resolveram que não nos formaríamos. Porque éramos subversivas (risos). Com dezessete anos e olha, foi uma tensão enorme eu só pensava: Meu Deus do Céu, que eu não em forme tudo bem, mas como vou contar pro pai e pra mãe? (choro)”.* Ana

É possível se ter ideia da relação que uma menina de dezessete anos da geração de Ana tinha com a família. Pior e mais difícil que perder a formatura, os anos que cursou a escola, seria contar aos seus pais o ocorrido.

A esse respeito e já emocionada Ana continua: *“Isso me incomodou muitos anos”.* Paramos um tempo a entrevista tal a emoção que a história provocou em Ana. Disse-lhe que poderíamos interromper ou parar e que se ela não quisesse eu nem colocaria essa história na dissertação Mas Ana queria continuar narrando o episódio. Também na narrativa escrita Ana conta esse fato. Tal evento ainda hoje é importante para ela, pois ela faz questão de contá-lo e recontá-lo.

Segundo Bosi (2004, p. 81): “Cresce a nitidez e o número de imagens de outrora, e esta faculdade de lembrar exige um espírito desperto, a capacidade de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las com a imagem de agora”.

Há um cuidado de Ana para relatar o evento, quando ela nota minha indignação com a injustiça que foi feita a ela e às demais colegas, justifica:

*“Então aconteceu uma coisa interessante, durante a Reciclagem que foi a preparação para a Reforma de ensino, nós, os professores, reunimo-nos em várias escolas. Não me lembro bem, mas tenho a impressão que no caso da área de Ciências era tudo em uma mesma escola. Tenho a impressão que era na escola Nossa Senhora de Fátima a nossa reunião. Ali ficamos uma semana. [...] Ainda era época de ditadura. Devia ser 1970, 1971, não lembro muito bem. Eu estava em uma das salas da reciclagem e entrou o nosso ex-diretor do Bilac. Estávamos apresentando os trabalhos e eu lancei-lhe um olhar fulminante. Ele então pediu licença e disse: - Há alguns anos atrás eu fui diretor de uma escola e cometi uma injustiça muito grande contra essa moça que está aí. E me pediu desculpas”.*

Ana pediu-me então para não dizer o nome dele, pois como também sou santamariense e oriunda de escolas públicas, possivelmente o conheci. Expliquei-lhe que nem para o trabalho nem para mim faria diferença saber quem era a pessoa, que não era o mais importante.

Então Ana continuou:

*“E tu sabes que foi tão bacana, aí ele me abraçou e me beijou. Eu nunca o procurei quando estava aqui e vivo, porque quando voltei em 1991 pra cá pensei que nessas alturas já não havia necessidade. Mas eu conto essa história de cassar o diploma até como uma coisa de alegria sabe?”.*

Rute relata um fato inusitado de seu período de aluna do Curso de Pedagogia da UFSM:

*“Fui bolsista de um professor renomado da Universidade. A JAI<sup>46</sup> me deu dez e fui convidada para ir à SBPC<sup>47</sup>. [...] Acabei não indo porque nessa época já havia terminado a bolsa de pesquisa e eu estava apenas com uma bolsa de assistência. Então um dia o professor que havia me orientado na bolsa de pesquisa ligou e me ofereceu outra de pesquisa, a qual viria no início do ano. Ele perguntou se eu queria e eu respondi afirmativamente. Entretanto, quando veio a bolsa ele fez seleção pública e não me deu a bolsa”.*

<sup>46</sup> Jornada Acadêmica Integrada

<sup>47</sup> Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

Assim como Ana, que enfatizou a história com o diretor, Rute relatou-me mais de uma vez essa história muito chateada, consciente de que eu também conhecia o professor, que é uma pessoa bastante popular no curso de Pedagogia. Rute se sentiu bastante injustiçada com o episódio e se diz decepcionada com o referido professor.

Bibiana, por sua vez, relata uma história de intercâmbio:

*“Uma vez fui à Argentina em um intercâmbio do Rotary Club e um rapaz queria dançar comigo. Então eles me explicaram que naquela região onde estávamos, não havia negros e quando havia mulatas eles imaginavam que eram prostitutas. Eu disse que não iria dançar, então ele em xingou, ofendeu. Mais tarde também soube que o Rotary Club questionou a família em que eu ficaria hospedada se o fato de eu ser negra traria algum problema. Mesmo na rua, eu via que as pessoas me olhavam de maneira estranha. Eu era a única negra da cidade...eu, ainda assim, fiquei muito tranquila”.*

O fato de ser olhada de forma diferente e de ser a única negra nas ruas não incomodou a Bibiana, não a fez desistir de seu intercâmbio. Nem mesmo de o estrangeiro desconfiar que fosse prostituta, o que também, na sociedade em que vivemos tem uma denotação pejorativa.

Valéria, por sua vez, recorda a dificuldade que foi cursar sua faculdade:

*“Passei, cursei sem nunca ter tido uma reprovação, mas foi também uma fase complicada eu era faxineira na casa de estudantes de medicina que em emprestavam os Atlas de anatomia para estudar e minhas notas sempre foram boas, e nos fins de semana à noite trabalhava de garçone em uma pastelaria”.*

Esse, para Valéria, é um período lembrado com o esforço financeiro que viveu para poder cursar o ensino superior. Sobre as marcas da memória, trazidas pelas quatro colaboradoras mulheres, Perrot (2005, p.43) coloca:

Estas experiências permitirão talvez um dia analisar mais precisamente o funcionamento da memória das mulheres. Há, no fundo, uma especificidade? Não, sem dúvida, caso tentemos ancorá-la em uma natureza que não se pode encontrar e no substrato biológico. Sim, provavelmente, na medida em que as práticas socioculturais em ação na tripla operação que constitui a memória – a acumulação primitiva, rememoração, ordenamento do relato – estão imbricadas com as relações masculinas/femininas reais e, como elas, são produtos de uma história. Forma da relação com o tempo e o espaço, a memória, assim como a existência de que ela é o prolongamento, é profundamente sexuada.

A forma de lembrar, o que se conta, até mesmo a seletividade daquilo que se escolhe contar, conforme pesquisas da autora supracitada também estão relacionadas às

questões de gênero. As experiências, assim como as práticas femininas, em alguns aspectos, diferem-se das masculinas, assim como os seus imaginários.

### 2.3.11 As marcas da pesquisa nas colaboradoras

*“Mas hoje chegou o dia  
E tudo que está preso na memória  
Eu quero libertar, deixar voar,  
Desabafar”.*  
Gelson Oliveira

Um dos objetivos de meu trabalho era investigar através de suas trajetórias as relações étnico-raciais envolvidas. Também queria saber qual era o marco, naquele momento, que participar da pesquisa deixaria nelas. Obtive as seguintes respostas:

*“Eu me senti importante. por ser uma negra que anseia participar de uma sociedade com igualdade racial”...*

*“Foi muito diferente lembrar alguns fatos que marcaram minha trajetória pessoal e profissional, relacionados a minha etnia e ao autoconhecimento”*

*“Acho importante contar minha história de vida...relembrar...recontar...analisar alguns fatos que passaram e perceber que algumas coisas podem ser diferentes”. Rute*

*“Vi que é muito bom narrar a nossa história porque nos sentimos personagens vivos, atuando de maneira significativa nesse processo social. Infelizmente sabemos que o preconceito existe e que a sociedade enfatiza esse tipo de postura e que cabe a nós enquanto profissionais da educação trabalhar com essa questão em sala de aula, discutindo com os alunos e não ignorando esse tema”. Bibiana*

*“É o momento de revolucionarmos intelectualmente o nosso país reconhecendo o direito a cidadania a quem sempre foi negado, educando os cidadãos para o respeito às diferenças étnicas e culturais e promover de fato a construção de uma identidade brasileira que é múltipla e isso a torna valorosa”. Valéria*

*“Eu me senti emocionada, pois tantas coisas aconteceram e a gente esquece. Pequenas histórias que ficaram guardadas lá num cantinho da memória”. Ana*

Até as colaboradoras responderem essa questão, sempre fiquei me questionando o valor que elas davam a pesquisa que eu vinha desenvolvendo. Embora sempre tenha ressaltado que poderiam desistir a qualquer tempo, eu não queria que nenhuma delas abandonasse a pesquisa.

Suas palavras sobre a pesquisa deram ânimo para eu seguir. Ressalto também a seguinte afirmação de Nóvoa (1995, p.25):

Desde então, percebi melhor as dificuldades de mobilizar as dimensões pessoais nos espaços institucionais, de equacionar a profissão à luz da pessoa (e vice-versa), de aceitar que por detrás de uma –logia (uma razão) há sempre uma –filia (um sentimento), que o *auto* e o *hetero* são dificilmente separáveis, que (repita-se a formulação sartriana o homem define-se pelo que consegue fazer com o que os outros fizeram dele.

Percebi, ao longo do processo, na riqueza de suas falas, a valorização do trabalho conjunto, irrealizável sem a riqueza de suas vozes. O prolongamento do tempo permitiu alguns afastamentos e aproximações, respeitou meu próprio tempo e o delas, suas férias, seus trabalhos, seus problemas pessoais.

Nesse sentido Josso (2002, p.61) ensina: “A temporalidade dos processos de aprendizagem está assim em relação directa com a amplitude dos reajustamentos necessários à integração de um novo saber-fazer ou saber pensar”.

Não é fácil respeitar e lutar para ter o próprio tempo respeitado. Em uma época de constante transformação, solicitar um tempo adequado para a realização de uma pesquisa é tarefa difícil. Estamos acostumados a lidar com um tempo muito escasso, que nem sempre atende àquilo que precisávamos. A pesquisa tem um período pequeno a ser desenvolvido e cabe ao pesquisador, nesse tempo restrito, fazer o melhor possível.

Há ainda, como em outros trabalhos, peculiaridades no trabalho com mulheres que somente com o tempo damos conta. Suas falas, suas visões de mundo, seu cuidado com os filhos e com a narrativa de sua história. Segundo Cunha (1997, p. 112): “Finalmente é forçoso reconhecer que enredada nessas malhas discursivas versões da história de um certo mundo feminino foram construídas a partir de caminhos e descaminhos da investigação empírica. Ser bastante objetivo, nesses assuntos, é naturalmente impossível”.

Não me cobro e nem das colaboradoras foi levantada a possibilidade de fidedignidade dos fatos. Não os verifiquei enquanto reais os dados pessoais, não é esse o objetivo de meu trabalho.

Penso que a pesquisa foi aquilo que ambicionei: dialeticamente provocou a mim, pesquisadora, pois penso que seus efeitos em minha formação já são perceptíveis até mesmo em minha relação com os alunos e também formação/autoformação para elas, a partir de seus relatos. A escassez do tempo mostrou-me que somos nós quem regulamos a temporalidade, quanto menor o tempo, maior a intensidade do vivido, maiores expectativas depositamos e acabamos por aproveitar o máximo a finitude que nos é imposta.

### 2.3.12 Os clubes negros

*“Contam que toda tristeza que tem na Bahia  
Nasceu de uns olhos morenos banhados de mar”.*

Clara Nunes

Mesmo depois de 1888, ou seja, do fim legal da escravidão, sabemos que muitos lugares tradicionalmente não eram frequentados por pessoas negras. Mesmo na cidade de Santa Maria, RS, que assim como a cidade de Pelotas, RS tem um grande contingente de pessoas negras. O que hoje pode parecer um absurdo aos olhos da juventude era prática comum nas cidades.

Rute, ao contar seu casamento inter-racial, lembra o Clube que sua família frequentava: *“Meus pais sofreram muito racismo: a questão do Clube que não podiam entrar, justamente o Clube que o avô de meu ex-marido era presidente!”*

O clube em questão era, portanto, frequentado por brancos, somente pessoas brancas poderiam entrar. Em reação a essa conduta, foi muito comum a criação de clubes frequentados apenas por negros neste período.

Para Escobar (2007, p.100): “Os clubes sociais negros são uma realidade no país, ao menos em parte do território nacional e no RS surgiram, especialmente, no período pós-abolição, como uma resposta ao processo de segregação social e racial imposto aos negros”.

Em Santa Maria os Clubes foram importantes e fizeram história para algumas gerações, quando ainda não se admitia a presença negra em todos os Clubes. Também é possível perceber na vida de Ana, nossa mais experiente colaboradora, a presença do Clube:

*“Participei da Sociedade Recreativa União Familiar, um clube de negros que funcionava na rua Conde de Porto Alegre, próximo à igreja do BonFim. Na época, esse clube tinha na direção uma pessoa maravilhosa, uma mulher negra, funcionária pública federal e que estimulava que as jovens negras estudassem, fugindo das cozinhas das famílias brancas”. Ana*

*“No União Familiar, clube do coração de minha família, fiz alguns carnavais. Meu primeiro carnaval foi aos dezesseis anos, frequentei até os vinte e dois anos. O Clube fazia reuniões dançantes, sempre participei e colaborava ajudando na decoração, na arrumação das mesas, etc”. Ana*

Sobre o União Familiar, Flôres (2008, p. 273) menciona:” O primeiro clube com efetiva participação de afro-brasileiros de Santa Maria, não necessariamente integrado por ferroviários, foi o ‘Clube Sociedade União Familiar’, fundado em 1896”.

Também Escobar (2007, p.100) revela sobre a existência de tais clubes:

Além de promover o conagraçamento entre os seus membros, os clubes e sociedades negras tinham finalidade de cunho social e de solidariedade, onde eram arrecadados donativos, compradas cartas de alforria de negros escravizados e até custeadas despesas com funeral de seu quadro de associados, sendo que no interior dessas agremiações nasceram, depois, blocos e escolas de samba.

Importante destacar ainda que neste período Santa Maria possuiu dois Clubes negros que fizeram história. Podem até ter sido em maior número, mas os que ainda hoje resistem arquitetonicamente e no imaginário popular são: Clube União Familiar e o Sociedade Recreativa Ferroviária Treze de Maio.

Sobre o União, como é carinhosamente chamado pelas pessoas mais idosas e mencionado pela colaboradora Ana, não se tem notícias de qualquer movimento na cidade para reativá-lo ou ainda resgatar sua História. O que se sabe é que era frequentado pelos negros pobres.

Em contrapartida, o Clube Treze de Maio, hoje Museu Treze de Maio, ganhou notória atenção nos últimos tempos. Em seu histórico prédio, hoje funcionam oficinas, é aberto a visitas e esporadicamente há exposições e palestras.

Para Macedo (2006, p.97):

O “Treze”, como ficou conhecido o clube ao longo do século XX, tornou-se um ícone da cultura negra na região. O entorno do clube pode ser considerado um reduto negro dentro da cidade, merecendo até um estudo específico, pois junto com a Igreja do Rosário, o clube divide as atenções da comunidade negra, que ao longo do século

ocupou a região e preservou a identidade do prédio, não pela sua arquitetura, mas sim por sua memória histórica de relevante significado.

O Bairro do Rosário, onde o Clube era situado era um reduto negro, de um negro nem tão pobre, pois havia uma forte presença de trabalhadores ferroviários. Entretanto, é interessante notar uma segregação racial: o ferroviário branco, em sua maioria se estabeleceu no entorno do bairro Itararé, tradicional bairro ferroviário o qual também compreendi a Vila Belga. O ferroviário negro em sua maioria se estabeleceu ao redor do bairro Rosário, onde havia a sede do Clube que frequentava (O outro Clube União Familiar também estava próximo), como também a Igreja do Rosário.

Ainda sobre o Clube Treze de Maio, adiciona Flôres (2008, p. 273):

A primeira sociedade genuinamente erigida por ferroviários em Santa Maria foi a Sociedade Recreativa Ferroviária 13 de Maio”, inaugurada em 13 de Maio de 1903, cuja sede foi estabelecida na rua Silva Jardim”. Numa época em que ainda eram muito acentuadas as diferenças étnicas, essa entidade reunia entre seus associados apenas a comunidade ferroviária de trabalhadores afro-brasileiros e seus familiares. Esse evento demarca a expressividade dos descendentes de afro-brasileiros que atuavam nas ferrovias gaúchas, e que pela segregação existente buscaram constituir espaços próprios de convivência social.

Importante também ressaltar que os clubes foram um fenômeno de vários lugares do país, não só santa-mariense. Foi uma reação por não ter outro lugar para frequentar, a possibilidade de existir um local onde os negros também pudessem ter uma convivência social, tal como os parâmetros da época norteavam.

Destaco também que o clube foi uma forma do negro não se vitimar por não poder frequentar os lugares tradicionais. Criou o seu próprio espaço, lutando assim para a preservação de seu lugar.

### 2.3.13 O imaginário da religiosidade

*“Mas Yansã, cadê Ogum?  
Foi pro mar...”.*  
Clara Nunes

Uma marca de todas as entrevistadas foi relacionar a sua vida à religião que seguem. Mesmo todas elas tendo conhecimento de que não era meu enfoque de pesquisa, de que a religião não era um dos temas que eu buscava todas as colaboradoras, ao se

apresentarem dizendo seus nomes, suas idades, colocaram como ponto importante a religião que seguem.

Ana, ainda que se assuma um misto, não se coloque em apenas uma religião, assim que começou a contar sua vida enfatizou a religião:

*“Eu me criei num misto espiritólica, um pouco de católica, do catolicismo que a mãe trazia pela simplicidade dela e pela fé e muito de espiritismo. E eu tenho uma coisa eu hoje aos sessenta e um anos eu estou afastada da doutrina espírita. Eu acho que hoje eu creio em tudo, mesmo em um pastor evangélico. Ainda que ele diga coisas que considero absurdas, eu admiro a crença”.*

A palavra com que Ana se define não existe nos dicionários. Foi cunhada por brincadeira por ela, no sentido de enfatizar que transita de alguma maneira por ambas as religiões.

Também sobre a religião, Ana comenta: *Então eu acho que a religião é fundamental para qualquer pessoa. Desde que não torne as pessoas fanáticas.*

Valéria, por sua vez, definiu-se como *“Filha de Ogum com Iansã”*. Seu depoimento, portanto faz-nos crer que a sua religião é a umbanda, já que se diz filha de orixás, de todas as colaboradoras a única que segue a religião de matriz africana.

Ainda sobre sua religião, a colaboradora acrescenta: *“Minha mãe ligada diretamente à religião de matriz africana dividia seu tempo entre a casa, costuras e suas crenças”.*

Ao falar sobre seus irmãos, também alude à religião: *“Além de muitos irmãos de criação porque pertencíamos á religião de matriz africana que tem como princípio acolher e adotar aqueles que não têm família ou que têm problema com suas famílias”.*

Valéria ainda acrescenta: *“minha crença sempre foi de matriz africana, tenho um olhar a partir da cosmovisão africana e acredito na força de minha ancestralidade e de meus orixás”.*

Segundo Ribeiro (1996, p.264): *“O fundamental, porém, é que milagrosamente o povo, sobretudo o negro-massa, continua tendo erupções de criatividade. Esse é o caso do culto a Iemanjá, que em poucos anos transformou-se completamente”.*

Rute e Bibiana pertencem à mesma religião: ambas são evangélicas praticantes. Bibiana converteu-se em 2003 e Rute apenas mudou há pouco de religião, mas sempre foi praticante de religiões que não fossem a católica e nem religiões afro-brasileiras.

Independente da religião à qual pertencem, suas vidas são atravessadas por elas, na medida em que todas acharam importante, ao contar sua história, fazerem menção à religião que frequentam.

O contato com a religião também as aproximou do magistério. Ana conta: *“Quando tinha treze anos fui ajudar na evangelização das crianças. Foram uns três ou quatro anos”*.

Rute tem também na religião sua primeira vivência de exercício do magistério: *“Apesar de ser assistente na igreja, eu também podia dar aulas, com dezesseis anos. As aulas eram sobre a palavra de Deus, comecei a dar aulas na igreja em uma fase de escolha da profissão e acredito que essa foi uma das coisas que mais me influenciou na minha escolha pelo curso de Pedagogia”*.

Para ambas, a religiosidade foi não só importante para as suas vidas, como também para o exercício do magistério, carreira que abraçaram. Trazer a religiosidade das colaboradoras para o trabalho foi o exercício de estabelecer nos diálogos com elas aquilo que como pessoas trouxeram para sua atividade docente. Nessa perspectiva, Nóvoa (1992, p.17) aponta: *“E as opções que cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam da nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. É impossível separar o eu profissional do eu pessoal”*.

A religiosidade, portanto, traduzida nas suas atuações, nos caminhos percorridos, definidora e presente nas professoras que são, pois algumas das orientações dadas pela religião são trazidas para suas vidas pessoais e para a sua vivência docente.



#### 2.4 Apontando caminhos divergentes: as discontinuidades...

*“Quem sabe o super-homem venha nos restituir a glória  
Mudando como um Deus o curso da História  
Por causa da mulher”.*

Gilberto Gil

Pelas distintas trajetórias e marcos de vida, pelas rupturas, diferenças de idade, de formação, alguns aspectos das entrevistas não se cruzaram. Para isso, serão analisados separadamente, pois apontaram caminhos diferenciados.

Talvez seja a parte mais rica do trabalho, uma vez que trazem aquilo que individualmente cada uma delas apontou e não fez parte da trajetória das demais, não se repete na vivência das outras.

Esses exemplos serão apontados agora, de forma individual, tal como cada uma delas narrou ou escreveu para a pesquisa.

#### 2.4.1 “Quando vai longe o apito do trem”<sup>48</sup>: a memória da ferrovia

*“Meu monumento estradas e trilhos  
Minha saudade este tempo que vai”.*

Beto Pires



A história de vida da colaboradora mais antiga é cruzada com a história ferroviária da cidade. Santa Maria foi durante décadas local de encontros, de chegadas e despedidas, em decorrência de possuir uma estação ferroviária. Além da ferrovia movimentar a cidade, seus trabalhadores influenciaram diretamente a economia local e a própria estrutura urbana era concebida tendo a ferrovia como lugar de destaque: a partir dela se organizava o comércio, os prostíbulos, os hotéis.

Ana assim revela:

*“Meu pai era o mensageiro 220 [...] Seu horário de trabalho coincidia com o horário da chegada e da partida dos trens. Tinha uma boa parte do dia que ele estava em casa. Como os trens chegavam as quatro e meia da manhã, o pai ia indo. Voltava pelas dez horas. Depois retornava as dezesseis, permanecendo até às vinte e duas horas, pois era o horário da partida do trem para Porto Alegre. Ele era diarista”.*

<sup>48</sup> Trecho da música Santa Maria, de Beto Pires

Importante destacar aqui que o cargo que o pai de Ana ocupava, o de mensageiro, não fazia parte do quadro de funcionalismo da ferrovia. Portanto, seu pai não era um ferroviário, apesar de depender diretamente da ferrovia para a manutenção de seu trabalho. Mensageiros eram aqueles que carregavam as malas na estação.

Para Macedo (2006, p.90): “A ferrovia projetou a cidade de Santa Maria no cenário estadual e colocou a mesma em pé de igualdade com importantes centros urbanos, como Rio Grande e Pelotas”.

Ainda sobre a profissão paterna, Ana pondera:

*“O meu pai carregava mala na viação férrea, na estação, na época do auge dos trens. No auge não. Sempre foi, Santa Maria foi um centro ferroviário, então a hora de chegadas e partidas era uma festa, enchia aquela estação. Eu não sei se era mesmo ou era porque eu era criança, mas eu já ouvi muitos relatos de que era uma multidão”.*

A ideia de multidão de Ana, de chegada de um número intenso de pessoas, embora que em um tempo distante de sua memória não é apenas impressão sua de infância. Segundo Flôres (2007, p.172):

Além dos milhares de usuários que acorriam às instalações da estação central, para embarque, desembarque, utilização dos serviços de encomendas, serviços de transporte de pessoas e bagagens, centenas de funcionários atendiam aos afazeres dos depósitos, armazéns, limpeza dos trens e prédios, telegrafia, restaurante, radiofonia de mensagens, bilheterias, manutenção dos trens, etc.

Também Ana lembra:

*“E meu pai ficava ali, as pessoas chegavam de carro, de carroça ou de carro de boi, do jeito que chegassem, eles estacionavam, tinham bastante táxis pretos também, as pessoas abriam a porta pra sair e o pai já ia pegar as bagagens. Então ele carregava as bagagens até lá dentro, tinha que marcar lugar no trem ou nos vagões, carregava aquele peso e era um horror”.*

O pai e a mãe de Ana são falecidos e sempre que Ana os lembra é com profundo carinho e emoção, residindo hoje com uma das filhas, o neto e a irmã na casa que foi herdada de seus pais. Casa essa, obviamente, muito próxima ao lugar onde funcionava a estação ferroviária.

Para Bosi (2004, p.60): “Ao lembrar o passado ele não está descansando, por um instante das lides cotidianas, não está se entregando às delícias do sonho: ele está se

ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida”.

Apesar da distância que separa Ana do tempo que ela me narrou, havia um perceptível exercício de memória para tentar contar-me o fato o mais próximo possível do narrado. Em momentos de emoção seus olhos fugiam aos meus, quando, entretanto, era uma boa recordação os olhos olhavam fixamente para os meus como se fosse possível eu enxergar com ela o momento apresentado. Dei-me conta que quando ela gesticulava com os braços se sentia a vontade com o evento contado. Nos momentos em que a recordação era mais triste falava pouco e fugia de meus olhos para chorar. Poucas vezes conseguiu conter suas lágrimas.

Há também boas lembranças do trabalho realizado junto à sua mãe que exercia um ofício típico feminino: era lavadeira. Segundo Ana:

*“A mãe trabalhava em casa e nós, desde pequenas, ajudávamos na lida doméstica. Ela lavava para várias famílias importantes. Na segunda-feira íamos às residências buscar as trouxas de roupas, geralmente às quintas-feiras já devolvíamos devidamente lavadas e passadas. O processo de lavagem da roupa tinha um ritual interessante: em primeiro lugar separar as peças coloridas, das brancas. Eram lavadas em separado, para evitar manchas, em segundo lugar tínhamos que carregar água do poço, para encher o tanque. Foi aí que aprendi a contar!”*

Interessante destacar que Ana conta que neste processo manual de lavar as roupas aprendeu a contar, sobretudo porque mais adiante, na entrevista revela que seus pais eram analfabetos. Entretanto, nas lidas cotidianas com a sua família aprendeu a contar. Com sua mãe, ainda que sua mãe não fosse alfabetizada.

Ainda em relação à memória ferroviária Ana revela: *“Meu maior sentimento era não poder fazer compras na Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea, coisa que as minhas colegas faziam. Acho que da minha turma da infância e da juventude, eu e minha irmã éramos as únicas não filhas de ferroviário”*.

A Cooperativa em questão se chamava COOPFER, isto é, cooperativa de consumo dos Ferroviários. Foi muito tradicional na cidade de Santa Maria, como nos aponta Flôres (2008, p. 237): “Para comprar nos armazéns o associado deveria fazer seus pedidos respeitando a estrita necessidade de seu consumo e/ou de sua família, sendo proibido de negociar gêneros adquiridos na sociedade, sob pena de admoestação e

até mesmo de exclusão em caso de reincidência. Após a compra, se fosse desejo do associado, a Cooperativa providenciava a entrega domiciliar dos gêneros uma vez a cada mês”.

Também sobre a referida cooperativa, Ana comenta:

*“Eu achava aquilo, era meu sonho de consumo poder comprar um sapato, uma coisa naquela cooperativa. Ou ir ao açougue quando eu passava na frente. Eu passava na frente da padaria e via todo aquele pão, via aquela carne pendurada, eu pensava meu Deus do Céu, por que meu pai não é ferroviário? (risos)”.*

De alguma maneira, até pelo bairro que moravam, pois estavam mais perto dos ferroviários brancos, Ana relacionava ser filha de ferroviário à fartura. Macedo assim coloca (2008, p. 90): *“A ferrovia fez com que a cidade também conhecesse o conflito de classes”*. É sabido que mesmo no pós-abolição o trabalhador negro demorou a conseguir inserção no agora na nova conjuntura que se iniciava para ele: o mercado de trabalho assalariado. Ocupar bons postos de trabalho sem formação era uma possibilidade inexistente. A ferrovia ainda foi um dos poucos locais em Santa Maria, RS, que possibilitou a alguns negros a ascensão social.

#### 2.4.2 Os anos de chumbo

*“Meu irmão limpando a arma  
Meu irmão, e a revolução?”*  
Nei Lisboa

De todas as colaboradoras Ana foi a única que vivenciou o período de ditadura militar no Brasil. É neste período, dos anos mais difíceis de ditadura militar, a segunda metade da década de 1960, portanto já decretado o AI-5<sup>49</sup>, que Ana é estudante, contudo deixa sempre claro que precisou de muito tempo para entender o que acontecia em nosso país naquele período.

Segundo Ana: *“Eu estive no Bilac em 1964, 1965 e 1966, e viviam militares espalhados pela escola. Com aquelas fardas lindíssimas e nós gurias bobas! Como éramos bobas! Eles não davam a mínima pra nós, é claro!”*

---

<sup>49</sup> Ato institucional número 5.

Nesse período, Ana relata que a ditadura era algo distante para elas (normalistas). Apenas se preocupavam em paquerar os militares que passavam pela frente da escola. Não há um sentimento de revolta ou olhar negativo sobre a ditadura porque no contexto em que vivia Ana não entendia muito a situação política que a cercava.

Mais tarde veio a entender a questão política daqueles tempos: “*Depois que eu vim a saber que controlavam muito, o exército controlava muito o que as pessoas diziam, às vezes eles iam até a sala de aula*”.

É possível identificar o controle dos militares sobre a educação e de certa forma o medo que o Instituto Olavo Bilac representava naquele período para o regime. Segundo Loriga (2009, p.33):

Não podemos garantir à história sua tonalidade inquietante senão procurando nos aproximar dos mortos de outrora “de seu ter-sido-vivo”. É claro que a possibilidade de escutar e compreender intimamente as vozes do passado é parcial, fragmentária, insuficiente. Mas só temos essa possibilidade. Para ser inquietante a história deve buscar descobrir o passado que a memória carrega em si sem saber aquele que, como escreveu Marcel Proust, se esconde “fora de seu campo.

Não temos certeza se a distância temporal de Ana não desperta na colaboradora outra ideia do período referido, ou ainda, aquilo colocado por ela é realmente o que vivenciou. Tampouco o caráter de verdade ou mentira nos importa. O que realmente nos interessa no relato de Ana é o significado que esse período teve na vida dela, mesmo que hoje reconstituído pelo exercício da memória já que temporalmente distante.

Para Schmidt (2004, p. 23):

Alguns estudos recentes indicam que por mais singular que seja um indivíduo, existem sempre pontos de convergência entre suas vivências e concepções e a de seus contemporâneos, pois todos compartilham, em menor ou maior grau, determinados códigos culturais, os quais permitem a convivência e a comunicação.

Também se pode perceber que o olhar de hoje e a própria trajetória de militância política posterior de Ana a permitem olhar aquele período de modo diferente. Quando se refere a si e às colegas de Magistério Ana diz que eram “bobas”. Todos aqueles movimentos de luta no país e as normalistas paqueravam os militares a sua volta. Esse é o olhar de Ana para aquele período.

Outra referência a este período é feita por Ana na voz de uma de suas mestres na época a professora Cecília<sup>50</sup>: *“A professora dizia: - Hoje, nós temos visitas. E ela dizia: - Eu amo o Presidente da República! Era o...marechal Castelo Branco...Foi o primeiro e eu achava tão estranho porque nós sofriamos horrores coma ditadura. Depois, há pouco quando voltei pra cá ela contou que dizia quilo ironizando, porque estava sempre sendo corrigida, sempre controlada e nós não tínhamos essa noção”*.

Paradoxalmente, Ana sabia que havia algo de estranho na fala da professora, apesar de Ana não se sentir tão diretamente atingida, sabia que o rumo político não estava tão calmo como a professora deixava transparecer.

Também Ana enfatiza que seus pais sofriram com a ditadura: *“Meus pais sofreram muito com a ditadura, a cada dia sabíamos que alguém havia sido preso, alguém que se suicidara nas dependências do DOPS”*.<sup>51</sup>

Ana também enfatiza outros aspectos da ditadura. Para ela:

*“O município aqui exigia demais de nós, graças a Deus hoje vejo que maravilha era, isso também graças à época da ditadura. Eu acho que era isso. Nós tínhamos uma inspeção muito forte. Talvez as escolas fossem em menor número, talvez os alunos fossem em menor número. Acho que era isso também. Ao mesmo tempo que havia um controle isso fazia com que houvesse uma qualidade. Engraçado, não achas?”*

Para Ana o controle que a ditadura representava estava diretamente relacionado à boa qualidade que o ensino tinha. O fato de serem muito cobradas fazia com que se esforçassem para que o trabalho docente fosse bem realizado.

Em contrapartida, Ana teme que isso faça parecer que ela apoia algum tipo de regime ditatorial:

*“Eu sou contra ditadura, sabe? Mas nós tínhamos assim uns cadernos de redação, por exemplo, nos armários, quartas e quintas séries, éramos obrigados a fazer no município três redações por semana. E a gente fazia. E o Programa não éramos nós que fazíamos, era um programa Experimental do Estado. As provas não eram nós que fazíamos, as provas vinham prontas, então tínhamos que cumprir aquele programa. E a gente cumpria. É claro que hoje acho muito legal a autonomia que as escolas têm, os professores têm autonomia de escolher os conteúdos, mas o ensino tinha uma boa qualidade”*.

---

<sup>50</sup> Nome fictício

<sup>51</sup> Departamento de Ordem Política e Social.

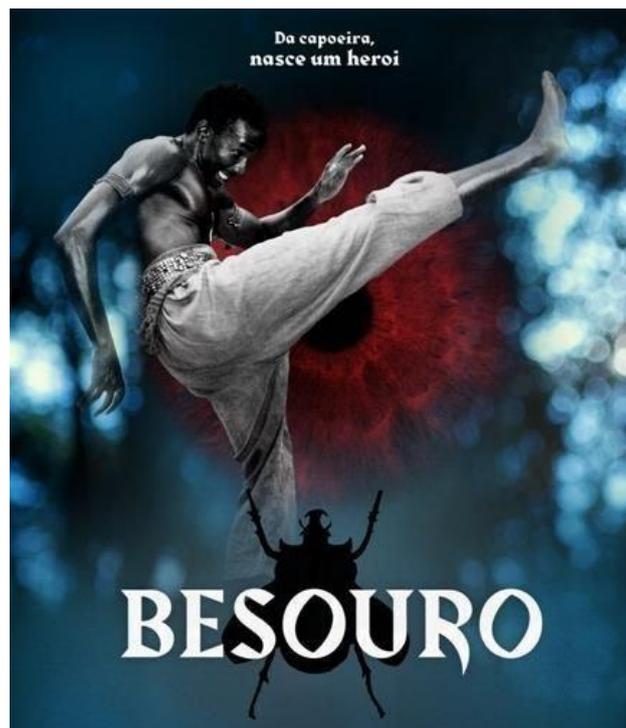
Para Ana, portanto a decadência que se acredita que a educação hoje atravessa está relacionada a não se ter um controle tão intenso como se tinha. Mesmo que isso, de alguma maneira significasse um pouco a perda da autonomia do professor.

Para Corrêa (2004, p. 210): “Em 1967 [...] procedia-se à introdução das tecnologias educacionais desenvolvidas no campo das estratégias de guerra e de segurança inspiradas na Guerra Fria, produzidas nos estados Unidos e acolhidas, no Brasil, no seio das táticas militares”.

O período que Ana se refere é o auge da ditadura, pois terminado seu curso de Magistério, no final dos anos 1960, ano passou a lecionar no município de Santa Maria/RS. Em 1979 foi decretada a Lei de Anistia e só a partir de então começou a se discutir a abertura política de nosso país.

#### 2.4.3 A importância da capoeira

*“Menino quem te fez  
Quem te deu tanta guarida,  
Quem te mostrou a beleza  
De dançar dentro da briga?”*  
Ronaldo Santos



Cartaz do filme “Besouro”

De todas as colaboradoras, Valéria é a única que traz a sua história enriquecida pela prática de um esporte herdado dos escravos: *“Trabalhei em várias academias dando aula de capoeira era a única mulher na cidade qualificada para isso e sentia orgulho de ser[...]”*

Ainda sobre seu esporte Valéria relata:

*“Entendi então na capoeira, nas voltas e voltas do jogo da mandinga<sup>52</sup>, da malícia, que essa era uma manifestação da resistência e eu queria resistir, mudar a história também e dar uma resposta tão sonhada ao povo negro. Queria lutar e me envolver nessa luta, começa assim minha negra militância através de meu encontro com a minha identidade negra. Meu mestre de capoeira Besouro<sup>53</sup> era um exímio capoeirista com um poder de articulação coletiva invejável”.*

Possivelmente foi o esporte quem definiu a profissão de professora de Educação Física para Valéria, e que interessadamente é um esporte trazido pelos escravos, ainda que haja controvérsias para alguns estudiosos que pensam que assim como pode ter sido trazida também é possível que tenha sido oriunda do Brasil, mas pela herança dos escravos. A certeza é que surgiu do escravo negro. Dada a sua condição financeira de quando começou a praticar, um esporte barato, que ao exige do seu praticante nenhum tipo de material caro.

Para Pinto et al. (2002, p.65):

Se o registro documental e bibliográfico conservou apenas a história oficial, foi na tradição oral, nas histórias contadas de boca em boca, que muito da história de resistência e luta dos escravizados e explorados se manteve viva. Os velhos mestres de capoeira foram importantes guardiões dessa cultura [...].

Interessante destacar que, ao contrário de outras lutas não se passa faixas de gradação na capoeira. São passados cordões, na hierarquia e, ainda hoje, a população negra pratica em número maior que a branca. Diletante a outras lutas em que é necessário praticar musculação para se praticar, a capoeira exige que se saiba gingar no ritmo da música que é executada durante a sua prática.

Muitas das canções são lamentos sobre a maneira como o escravo negro viveu e a saudade da África. São canções tristes cantadas com o apoio do instrumento de percussão chamado Berimbau.

Ainda sobre o esporte e seu mestre já mencionado, Valéria continua:

<sup>52</sup> Mandinga, no jargão do capoeirista é a habilidade de mostrar ao adversário que se poderia ter batido nele e não se bateu por não se quis.

<sup>53</sup> Nome fictício, homenagem a um capoeirista ícone.

*“Foi muito importante pra mim, pois o Mestre sabia que eu não tinha recursos para pagar a academia e me ensinava de graça, inclusive em espaços como a sua própria casa, junto a sua família, é meu grande amigo hoje, não se dedica muito a capoeira, mas está por aí e em meus pensamentos, nos encontramos muitas vezes na roda da vida...”*

Além do esporte, Valéria não se intimida em relatar a relação com o mestre, marco para uma vida inteira. Possivelmente também se sentiu à vontade de revelar sua história porque sabe que transito diretamente nos estudos do Imaginário e que para mim essas histórias fazem e são enriquecedoras para o trabalho.

Sobre o Imaginário, Machado ensina (2004, p.29):

O Imaginário, no fundo, é uma concepção positiva das coisas, uma ideia de que sim, os nossos sonhos, utopias e aspirações acabam nos movendo para as realizações. Neste sentido, o Imaginário é uma cristalização de utopias. É a ideia de que não se constrói absolutamente nada se não for a partir de uma utopia. A utopia no sentido de pensar o impossível, o ainda não realizável.

Muito possivelmente foi a utopia de Valéria que a levou a estudar, a trilhar outro caminho. Conforme seu relato, na situação de extrema pobreza que viviam, Valéria estava a poucos centímetros de uma outra vida, quando descobriu o mundo da capoeira. Foi a capoeira que a fez acreditar em outra vida, que a mobilizou para estudar, foi seu tema de estudo no mestrado inclusive, um trabalho diretamente relacionado à sua própria história.

Para Santos (2000, p.84): “No paradigma emergente, o caráter autobiográfico do conhecimento – emancipação é plenamente assumido: um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos une pessoalmente ao que estudamos”.

A escolha da profissão e as escolhas da vida foram feitas a partir da dedicação e do amor ao esporte da colaboradora. O trabalho e o tempo dedicado foram compensados: ainda hoje Valéria é uma das poucas mulheres praticantes na cidade e hoje é referência no estado do Rio Grande do Sul, como exímia capoeirista.

#### 2.4.4 Lembranças de velhos...<sup>54</sup>

*“No misterioso livro do teu ser  
A mesma história tantas vezes lida”.*

Florabela Espanca

Foi em Ana, a mais madura das colaboradoras que a singularidade do trabalho com a memória se fez mais evidente. A emoção com as lembranças por hora adormecidas e naquele momento reorganizadas. As dores já não presentes e agora olhadas novamente.

Ana relata:

*“Bacana isso porque fazia horas que eu não lembrava dessa situação”. “Eu me senti emocionada, pois tantas coisas aconteceram e a gente esquece. Pequenas histórias que ficaram reservadas lá num cantinho da memória”. “A entrevista me oportunizou ver quão forte era a questão racial, mas não era discutida”. “Lembrar disso me emociona”. “É engraçado lembrar disso agora, eu sou tudo”.*

*“Naquela época existia um orgulho [...]” “Eu estava me lembrando disso essa semana...”*

Ana ressaltou o exercício de memória que foi dado a ela: aos sessenta e um anos de vida, contar sua própria história. E o fez muito contente, ressaltando o que a pesquisa fez consigo. Para Bosi (2004, p.74): “Os jovens nos olharão com estranheza, curiosidade; nossos valores mais caros lhes parecerão dissonantes e eles encontrarão em nós aquele olhar desgarrado com que, às vezes, os velhos olham sem ver, buscando amparo em coisas distantes e ausentes”.

O olhar que pode parecer de estranhamento ao narrado pelo velho, não é. Ana traz consigo concepções e valores que ficarão eternizadas através da pesquisa. Seu exercício de memória possibilitou reviver um período da história da cidade não vivido pela pesquisadora e pelas gerações que virão. Contudo, poderá ser conhecido através da narrativa de Ana.

Sobre seu passado, também Ana revela: *“Rememoro estes acontecimentos e agradeço a Deus por ter passado por essa experiência, pois aprendi a não baixar a cabeça, a defender meus pontos de vista, a ter opinião e, sobretudo tive oportunidade de conhecer educadoras excepcionais”.*

---

<sup>54</sup> Homenagem ao livro de Ecléa Bosi: “Memória e sociedade: lembranças de velhos”.

Ana alia seus posicionamentos às experiências de vida que passou, a seu repertório de mundo. Traz consigo marcas de um passado latente, contudo o que mais chama a atenção sobre si é a intensa vida intelectual: Ana é mestranda na UFSM e em meio as suas falas comenta os livros que tem lido, as palestras que tem assistido e o retorno à UFSM.

Sobre as experiências que indivíduos adultos trazem consigo, Josso (2002, p.29) salienta:

Falar de recordações-referências é dizer, de imediato, que elas são simbólicas do que o autor compreende como elementos constitutivos da sua formação. A recordação referencial significa, ao mesmo tempo, uma dimensão concreta ou visível, que apela para as nossas percepções ou para imagens sociais, e uma dimensão invisível, que apela para emoções, sentimentos, sentidos ou valores.

Segundo Ana, cursar hoje o mestrado faz toda a diferença em sua vida, pois traz consigo uma bagagem de vida que lhe proporciona outras leituras dos autores que está pesquisando. Sabe que sua história é também formadora de si, da luta que traz, da professora que foi. O reconhecimento e os elogios que as pessoas têm feito a ela nas ruas, nas escolas e na própria UFSM são apenas o fruto de uma mulher que nunca se contentou com o instituído, não coube nos papéis que lhe foram impostos.

É também importante destacar que a memória trazida de forma enternecida por Ana em seu mais de meio século de vida, também tangencia a sua subjetividade pelo fato de ser mulher, tal como as demais colaboradoras. Nesse sentido, Perrot (2005, p. 39) enfatiza: “[...] os modos de registro das mulheres estão ligados a sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade. O mesmo acontece com seu modo de rememoração, da encenação propriamente dita do teatro da memória”.

As questões de gênero atravessam as próprias narrativas feitas pelas colaboradoras, em especial Ana que é a colaboradora mais madura, portanto a que mais viveu e tem histórias relacionadas ao Magistério para contar.

Importante, outrossim, destacar que a formação entendida pela colaboradora e por mim, não se encerrou porque a colaboradora se aposentou. Ela continua sempre estudando, assistindo e realizando palestras, seminários e congressos. Não raro nos encontramos neles. O sentido de prosseguir os estudos vai além dos bancos escolares.

Para Lima (2010, p.4): “Educação, portanto, não é reduzida aos bancos escolares porque aprendemos a ser na própria prática de vida”.

Com esse horizonte Ana continua sua busca pelo conhecimento. Nem a idade e alguns problemas de saúde que possui a impedem de participar continuamente daquilo que é oferecido nos diferentes espaços: Casa de Cultura, Casa do Poeta, UFSM, Museu Treze de Maio.

#### 2.4.5 “A gente riu de um negrinho lá”: a não aceitação da cor

*“Contrata para a produção urgente  
Um negro bem dotado  
E um latino quase inteligente”.*  
Nei Lisboa

Ainda na adolescência, Bibiana engravidou de um homem branco, com o qual teve dois filhos. Lamenta que os dois filhos não tenham orgulho de suas cores:

*“Quando meu filho adolescente foi para a Pré-Escola, um dia me disse:*

*- “Mãe, a gente riu de um negrinho lá.*

*- Por quê? – Respondi.*

*- Porque ele era preto”.*Bibiana

*“Eu disse pra ele, tu nasceste da minha barriga que é preta. Então tu és metade cada um de nós. Tu não és branco nem preto. Vi que ele ficou chateado e continuei: Se tu não quiseres ser assim, vou te colocar na lata do lixo. Choquei o meu filho. Porém aquilo me incomodou também. Foi a primeira reação que tive...”*Bibiana

Também a filha de Bibiana tem vergonha de sua cor, Bibiana lembra um comentário de sua filha: *“Mãe, na Bíblia diz que a gente veio do barro. Então, tu só pode ter vindo de um barro bem preto e eu e o pai da areia! (risos)”.*

Bibiana lamenta que em sua família tanto seus filhos como seus sobrinhos sintam vergonha da cor. Apesar de sempre ter sempre se manifestado com orgulho a respeito de ser negra, não vê continuidade em sua família.

Para Gomes, (2003, p. 80): “Uma sociedade racista usa de várias estratégias para discriminar o negro. Alguns aspectos corporais, no contexto do racismo, são tomados pela cultura e recebem um tratamento discriminatório”.

Talvez o que seja difícil para Bibiana seja imaginar que o seu filho está atrelado ao pensamento hegemônico. O mundo não faz um movimento para que o bonito seja o negro, enquanto o branco for a normalidade, certo é que as crianças e os adolescentes negros precisarão ainda de outros referenciais.

Ainda sobre o ideário de branqueamento, afirma Brito (2003, p. 11):

Logicamente os traços negros e brancos só têm significado dentro de uma ideologia preexistente, de uma ideologia que cria os fatos e marcas classificatórias. Isso significa que alguém só pode ter cor e ser classificado num grupo de cor, se existir uma ideologia na qual a cor tenha significado. As pessoas têm cores apenas no interior de ideologias raciais.

É possível refletir, a partir do discurso da criança, todo o significado que o casamento inter-racial produziu nele. De um lado o pai branco, ao passo que de outro a mãe que se orgulha de ser negra, porém não consegue, não sabe como semear tal orgulho em seus filhos mestiços. O discurso do menino, importante ressaltar, não é fato isolado. Sua irmã também acompanha o desejo de se sentir branca. Os filhos de Bibiana talvez possuam a cor mais comum do brasileiro, cor essa que também é a minha, a mistura entre brancos e negros. Segundo Brito (2003, p.12):

O filho de um negro(a) com branca(o), qualificado como “mulato”, “marrom”, “chocolate”, continua a ser, antes de qualquer coisa, *o outro*. E este, por sua vez, não é disciplinar, ou seja, não segue os padrões de humanidade e de beleza impostos pela sociedade.

Por não seguir os padrões, é compreensível a atitude das crianças. Interessante pensar também no entre-lugar ocupado pelo mestiço: por oras é branco e em outras é negro. Em determinadas situações é considerado um ou outro.

A criança em idade escolar ou mesmo o adolescente não se identificar ou sentir orgulho de sua cor, não chega a ser surpresa a nós, pesquisadores da temática. Para Sousa (2005, p.110):

O fato de muitas vezes, o racismo não ser explicitado verbalmente, não o torna menos presente e agressivo no dia-a-dia dos alunos e alunas negros(as), pois há muitas outras maneiras pelas quais ele se manifesta na cultura brasileira: privilegiam-se os brancos, reconhece-se este biótipo como aquele que representa a beleza estética e intelectual da raça humana e ainda acha-se normal que este segmento da população detenha o poder político, econômico, cultural e religioso; como se fosse algo natural e não resultado da organização histórica capitalista, discriminatória e excludente da sociedade brasileira.

O movimento do filho de Bibiana coincide com o pensamento hegemônico. Lutar para transcender esse pensamento não se constitui em uma atitude simples, sobretudo para uma pessoa jovem, em idade escolar. Lutar contra o instituído é sempre um movimento complexo.

A ideia de pensarmos o mundo através de binários é totalmente deturpada, portanto pelo mestiço, pois esse já não pertence a um terceiro grupo. Para Brito (2003), ele continua, ainda assim, pertencendo muito mais à classificação negra, por consequência de seu biótipo e sendo discriminado, no país em que vivemos, tal como os negros. Para a referida autora, o mestiço incomoda porque não purificaria o país no imaginário racial.

### 3 AS MULHERES NEGRAS QUE “VI DE PERTO”<sup>55</sup>

*“[...] Fragmentos do real e do imaginário aparentemente independentes, mas sei que há um sentimento comum costurando uns aos outros no tecido das raízes. Eu sou essa linha”.*

Lygia Fagundes Telles

No início do meu trabalho, sabia que tinha um comprometimento com as colaboradoras, com o Programa de Pós-Graduação e com minha orientadora, de fazer uma pesquisa que fosse importante para a linha de pesquisa. Penso que o objetivo de trazer para a linha a discussão étnico-racial foi contemplado, uma vez que eu era a única de minha turma de mestrado que estava investigando a temática e era sempre alvo de curiosidade de meus colegas o trabalho, pois, a maioria deles, em seus cursos de graduação, não tinha realizado disciplinas que colocassem em discussão a questão da etnia.

Foi o trabalho que sonhei, durante dois anos, meu projeto de vida. Mudei completamente: de casa, de trabalho e até mesmo os sonhos e o amor do início já não são os de mesmos, pelas contingências que a vida foi me apresentando.

Mas uma coisa é certa: a professora que iniciou o mestrado se (auto)formou e (auto)formou outras. As discussões de etnia tornaram-se pautas de reunião nas escolas em que trabalho e inclusive meus alunos me fazem essa cobrança, pois já conhecem meu trabalho. Conhecem de perto meu discurso e muitas vezes denunciam outras pessoas por posições que eles supõem racistas. Deixei essas marcas nas crianças que me vêm de perto.

As colaboradoras permitiram-me algo que eu não imaginava possível: redirecionaram meu olhar. Antes eu as tinha enquanto desbravadoras em um mundo racista. Hoje as entendo como mulheres que narram com muito orgulho a sua história. Não se admitem vítimas e nem aos outros negros vítimas, reconhecem-se enquanto construtoras de sua própria história.

Estabeleci com elas um laço acadêmico, pela necessidade que a pesquisa impunha, porém também afetivo. Escutei-as, porém também me fiz escutar. Foi nessa encruzilhada que narrei meu próprio caminho de vida. Minha biografia, tão próxima a delas foi também contada. Os fios que nos enredaram na trama da memória foram muito bem arranjados: carregados de sentimentos e tecidos de nossa própria história.

---

<sup>55</sup> Homenagem a um importante livro chamado “A mulher negra que vi de perto”

Fui para elas uma estranha que solicitou o que de mais singular temos: o livro de suas vidas. Atendida até pela que não havia tido um contato muito próximo e que não vacilou em repensar os ocultamentos que o exercício temporal faz em nós.

Enquanto formação, o exercício foi muitíssimo interessante. Encontrei em cada uma delas o que traziam de pessoal para sua profissão, em que lugares pensavam que a discussão étnico-racial era importante e em qual momento cada uma, ao seu modo, preferiu guardar o seu silêncio. Afinal de contas, como diria o músico Belchior: “Cada um guarda mais o seu segredo [...] / O seu peito deserto / A sua mão parada / Lacrada, selada, molhada de medo”.<sup>56</sup>

A realização do trabalho foi um aprendizado que sempre levarei comigo, assim como a vida difícil de Ana, a alegria contagiante de Rute, a leveza e os silêncios de Bibiana, a paixão pelo esporte de Valéria. Cada qual trouxe essas marcas ao seu trabalho docente, corroborando a tese de Nóvoa (1995) sobre o imbricamento da pessoa na sua maneira de ensinar.

Foi também um exercício o aprendizado de suas experiências, tal como encontrei na leitura de Santos (2004) por alertar sobre a necessidade das Ciências Sociais não utilizarem um único modelo enquanto paradigma de pesquisa. Ao contrário dos modelos até hoje estudados por nós enquanto ícones de verdade, surge, em diversos países aquilo que o estudioso denomina de “identidades rebeldes”, abrindo possibilidades para repensarmos novas questões dentro do campo acadêmico.

Assim como esclareci ao longo do texto, a escolha delas foi feita por se reconhecerem enquanto negras. Por elas mesmas terem se declarado em diferentes momentos enquanto negras. Outro motivo importante foi terem marcado minha própria trajetória docente, eram professoras que, embora eu não convivesse com algumas, havia uma admiração, um respeito por elas. Foram marcantes para a minha trajetória profissional e conseqüentemente pessoal.

Alguns traços foram comuns nas suas narrativas, como a luta contra a discriminação, o início de vida em famílias com baixo poder aquisitivo e outros traços foram singulares como a prática da capoeira, a não aceitação da cor pelo filho de uma das colaboradoras, vivenciar a ditadura militar durante a realização do Magistério pela colaboradora mais madura. O distanciamento de tempo entre a mais madura e a mais jovem foi o que mais singularizou em alguns momentos as suas narrativas e em outros aproximou: mesmo pertencendo a gerações tão distintas, poderiam ser neta e avó, ambas precisaram lutar contra os apelidos na escola. As

---

<sup>56</sup> Música: *Na hora do almoço*

duas tiveram uma forte influência familiar e religiosa. Possuem um ponto comum: o sonho da adoção da política de cotas hoje tornado realidade na Universidade Federal de Santa Maria.

A questão das colaboradoras pertencerem a três gerações diferentes foi relevante para entender como nesses diferentes recortes históricos essas professoras optaram pela profissão e se destacaram enquanto docentes negras. A escolha por quatro colaboradoras foi bastante subjetiva, eu queria reconstituir a história de cada uma delas pela marca que tinham deixado em minha formação. Mesmo Bibiana e Valéria tendo a mesma idade, ainda que pertençam à mesma geração, fizeram escolhas profissionais e pessoais que as levaram a seguir um caminho totalmente distinto. E isso para mim era importante contar. Até mesmo enquanto riqueza de uma narrativa de vida que jamais coincidirá com outra.

Saliento também a contribuição para a linha de pesquisa por haverem, comparada a outras temáticas, ainda um número pequeno de trabalhos que relacionem questões étnico-raciais e formação de professores. Acredito que outros trabalhos também surgirão tendo em vista o momento que atravessamos de discussões de implementação de políticas afirmativas.

Como diria Goodson (1995) é como se o professor fosse a sua própria prática. Também em meu trabalho dei-me conta que trazia exatamente as minhas características à sala de aula: o gosto pela arte, o envolvimento com as crianças, o desejo de cultivar o trabalho em grupo. A vontade de partilhar as memórias com as crianças, as histórias com suas famílias, com suas casas, seus brinquedos e sonhos.

Despeço-me com as palavras de Ana, que não por acaso é escritora, pois desconfiava que toda a sua narrativa poderia ter se tornado poesia, tamanha a boniteza de suas palavras que ficaram guardadas em mim: “Que tu continues assim, semeando as estrelas [...]”.

As estrelas são elas que (exceto Rute, por opção) foram homenageadas por mim com um de meus livros preferidos. Nessa coletânea, algumas personagens femininas além de fortes, analisam a passagem do tempo através do vento. Sempre que ventava Ana Terra sabia que algo de importante aconteceria em sua vida, segundo Veríssimo (2004). Assim acontecendo com várias gerações de mulheres em sua família.

Por algum motivo que eu não sei explicar essa foi uma das primeiras personagens femininas que roubou meu coração. Foi com esse mesmo carinho que chamei minha colaboradora mais madura de Ana. Possivelmente foram todas elas que teceram em mim (Ana Terra também tecia) a paixão por estudar gênero, a curiosidade por ouvir as narrativas ou as histórias de mulheres.

O fio da memória é sempre aquele ponto perdido no tricô, aquele trecho sem arremate que a qualquer hora pode ceder para ser novamente refeito. Comecei o trabalho com um autor que me marcou a adolescência, o médico gaúcho Moacyr Scliar. E é com o escritor Kundera (2008), que também marcou minha vida por ora alinhavo sem arrematar o trabalho: “Lutamos para ter acesso aos laboratórios onde se pode retocar as fotos e reescrever as biografias e a história”.



## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org). **História e histórias de vida: destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

\_\_\_\_\_. Profissão docente e identidade – narrativas na primeira pessoa. In: SOUZA, Elizeu Clemente de (orgs). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 189-206.

AMARAL, Janine Bochi do. **O imaginário e os saberes de pedagogas professoras universitárias: (re)contando histórias de vida**. (Mestrado em Educação). Santa Maria: PPGE/UFSM, 2006.

AZAMBUJA, Guacira. **Conhecendo os processos de formação de um professor**. Dissertação (Mestrado em Educação). Santa Maria: PPGE/UFSM, 2000.

BARZANO, Marco Antonio Leandro. **Griôs africanos: inspiração para uma performatividade e invenção pedagógica**. 32ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2009.

BOSI, Ecléa, **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 12. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BOLÍVAR, Antonio; DOMINGO, Jesús; FERNÁNDEZ, Manuel. **La investigación biográfico-narrativa en educación: enfoque y metodología**. Madrid: La Muralla, 2001.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org). **Usos e abusos da história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p.183-192.

BRITO, Angela Ernestina Cardoso. **Entre negro e branco–socialização de filhos mestiços por famílias inter-raciais**. 2003. Disponível em: <[www.acaoeducativa.org.br/downloads/negroeducativrodois.pdf](http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/negroeducativrodois.pdf)>. Acesso em: 17 maio 2010.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. **As encruzilhadas do labirinto I – Os domínios do homem**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CAVALLEIRO, Eliane. Discriminação Racial e Pluralismo nas Escolas Públicas da Cidade de São Paulo. In: **Educação anti-racista**: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: SECAD - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 65-104.

\_\_\_\_\_. Valores civilizatórios: dimensões históricas para uma educação anti-racista. In: **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**, Brasília: MEC/SECAD, 2006, p.11-26.

CORRÊA, Guilherme Carlos. **Educação contemporânea no Brasil**: escolarização, comunicação e anarquia. (Tese de doutorado). PUC, São Paulo, 2004.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Diários femininos**: devassas do Eu. 1º Seminário Docência, Memória e Gênero. São Paulo: Plêiade, 1997, p.105-112.

ESCOBAR, Giane Vargas. Museu Treze de Maio: lugar de memória, resistência negra, patrimônio e potencial. In: QUEVEDO, Júlio; DUTRA, Maria Rita Py (Orgs). **Nas trilhas da negritude**: consciência e afirmação. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2007, p.99-114.

FONTOURA, Maria Madalena. Fico ou vou-me embora? In: NÓVOA, Antonio (org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto, 1995, 171-198.

FLÔRES, João Rodolpho Amaral. **Os trabalhadores da V.F.R.G.S**: profissão, mutualismo, cooperativismo. Santa Maria: Palloti, 2008.

GOODSON, Ivor F. III Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, Antonio (org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto, 1995, p.63-78.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que eu vi de perto**. Belo Horizonte: Mazza, 1995.

\_\_\_\_\_. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23. Campinas: Autores Associados, 2003, p. 75-85.

\_\_\_\_\_. A questão racial no Brasil e na América Latina: algumas reflexões. In: MATOS, Marlise; GOMES, Nilma Lino; DAYRELL, Juarez Tarcisio. **Cidadania e a luta por direitos humanos, sociais, econômicos, culturais e ambientais**. Belo Horizonte: Programa de Formação de Conselheiros Nacionais, Módulo V, DCP/FAFICH/UFMG, 2009, p.67-86.

JESUS, Regina de Fátima. **Práticas pedagógicas evidenciam micro-ações afirmativas cotidianas**. 32ª Reunião Anual da ANPED: Caxambu, 2009.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: Educa, 2002.

KESSLER; Janea; JACKS, Nilda Aparecida; BISOGNIN, Edir Lúcia. In: FOLETTTO, Vani Terezinha (org). **Apontamentos sobre a história da arquitetura de Santa Maria**. Santa Maria: Câmara Municipal de Santa Maria, 2008.

KUNDERA, Milan. **O livro do riso e do esquecimento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LARROSA, Jorge; ARNAUS, Remei; FERRER, Virginia; LARA, Nuria Pérez de, CONNELLY, F. Michael; CLANDININ, D. Jean; GREENE, Maxine. **Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación**. Barcelona: Laertes, 1995.

LIMA, Elianeide Nascimento. **Africanidades e prática de vida: tecendo caminhos para uma teoria em educação**. In: XV ENDIPE, Belo Horizonte, 2010, p. 1-11.

LISBOA, Teresa Kleba. **Gênero, classe e etnia: trajetórias de vida de mulheres migrantes**. Florianópolis/Chapecó: UFSC/ARGOS, 2003.

MACEDO, João Heitor Silva. O Negro e a Ferrovia no interior do Rio Grande do Sul: A Sociedade Treze de Maio como fator de identidade da cultura negra em Santa Maria no início do século XX. In: QUEVEDO, Júlio; DUTRA, Maria Rita Py (Orgs). **Nas trilhas da negritude: consciência e afirmação**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2007, p.87-98.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa formação**. Brasília, Líber, 2006.

MELO, Ana Lucia Aguiar. Ações afirmativas na Universidade Federal de Santa Maria: diversidade para combater as desigualdades. In: QUEVEDO, Júlio; DUTRA, Maria Rita Py (Orgs). **Nas trilhas da negritude: consciência e afirmação**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2007, p.43-54.

MOITA, Maria da Conceição. V Percursos de Formação e de Trans-formação. In: NÓVOA, Antonio (org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto, 1995, p.111-140.

MUNANGA, Kabengele. Políticas de ações afirmativas em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa de cotas. In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; SILVÉRIO, Valter Roberto. **Entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica**. Brasília: INEP, 2003. p. 115-130.

NÓVOA, Antonio (org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto, 1995.

OLIVEIRA, Eliana de. **Mulher negra professora universitária: trajetória, conflitos e identidade**. Brasília: Líber, 2006.

OLIVEIRA, Valeska Maria Fortes de. A formação de professores revisita os repertórios guardados na memória. In: OLIVEIRA, Valeska Maria Fortes de (org.). **Imagens de professor: significações do trabalho docente**. Ijuí: UNIJUÍ, 2000, p. 11-24.

\_\_\_\_\_. Implicar-se... Implicando com professores: tentando produzir sentidos na investigação/formação. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre/Salvador: EDIPUCRS/EDUNEB, 2006, p. 47-58.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Gênero na Formação Docente: Representação e Formação de Identidades. In: 1º **Seminário Docência, Memória e Gênero**. São Paulo: Plêiade, 1997, p. 13-22.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: Unesp, 1997.

\_\_\_\_\_. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005.

PINTO, Maria das Graças C.S.M.; MIORANDO, Tânia Micheline. Docência e Gênero: histórias que ficaram. In: OLIVEIRA, Valeska Maria Fortes de (org.). **Imagens de professor: significações do trabalho docente**. Ijuí: UNIJUÍ, 2000, p.217-232.

PIOVESAN, Flavia. Ações afirmativas sob a perspectiva dos direitos humanos. In: **Ações afirmativas e combate ao racismo nas Américas**. Brasília, SECAD: 2005, p. 33-43.

QUEIROZ, Delcele Mascarenhas. **O vestibular e as desigualdades raciais**. 2003, p. 27-46. Disponível em: <[www.acaoeducativa.org.br/downloads/negroeducativivrodois.pdf](http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/negroeducativivrodois.pdf)>. Acesso em: 17 maio 2010.

QUEVEDO, Júlio; DUTRA, Maria Rita Py (Orgs). **Nas trilhas da negritude: consciência e afirmação**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2007.

RÖESCH, Isabel Cristina Corrêa. **Docentes negros: um estudo sobre suas histórias de vida** Dissertação (Mestrado em Educação). Santa Maria: PPGE/UFSM, 2001.

SANTANA, Patrícia Maria de Souza. **Rompendo as barreiras do silêncio: projetos pedagógicos discutem relações raciais em escolas da rede municipal de ensino de Belo Horizonte**, p. 37-53, 2003. Disponível em:  
<[www.acaoeducativa.org.br/downloads/negroeducativro.pdf](http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/negroeducativro.pdf)>. Acesso em: 17 maio 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, v. 4, 2006.

\_\_\_\_\_. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2000.

SCLYAR, Moacir. **Um sonho no caroço do abacate**. São Paulo: Global, 1995.

SILVA, Julio Costa da. **Raça e gênero na trajetória educacional de graduandas negras da Unicamp**. 2001, pgs 54-72. Disponível em  
<[www.acaoeducativa.org.br/downloads/negroeducativrodois.pdf](http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/negroeducativrodois.pdf)>. Acesso em: 17 maio 2010.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Histórias de mulheres e práticas de leitura. **Cadernos CEDES 45**, Campinas, SP, 1998.

SCHOLZE, Lia. Narrativa de si: o olhar feminino nas histórias de trabalho. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre/Salvador: EDIPUCRS/EDUNEB, 2006, p. 125-144.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre/Salvador: EDIPUCRS/EDUNEB, 2006.

SOUSA, Francisca Maria do Nascimento. Linguagens escolares e reprodução do preconceito. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: SECAD - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 105-120.

<[www.acaoeducativa.org.br/downloads/negroeducativrodois.pdf](http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/negroeducativrodois.pdf)>. Acesso em: 17 maio 2010.

<[www.acaoeducativa.org.br/downloads/negroeducativolivro.pdf](http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/negroeducativolivro.pdf)>. Acesso em: 17 maio 2010.

VALENTE, Ana Lucia E. F. **Ações Afirmativas, relações raciais e educação básica.** Revista Brasileira de Educação/ANPED, Jan/Fev/Mar/Abr/2005, (62-76), Rio de Janeiro:2005, p. 62-76.

\_\_\_\_\_. Estado, educação e etnicidade: a experiência belga. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 105, nov.1998, p. 135-159.

VERÍSSIMO, Érico. **Ana Terra.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

## **ANEXOS**

---

## **ANEXO A – Termo de confidencialidade**

### **TERMO DE CONFIDENCIALIDADE**

**Título do Projeto: “Abrindo o livro das suas vidas: trajetórias de formação de quatro professoras negras”**

**Pesquisadora responsável: Prof<sup>ª</sup>. PhD. Valeska Fortes de Oliveira**

**Autora: Fernanda Gabriela Soares dos Santos**

**Instituição/Departamento: PPGE/CE/UFSM**

**Telefone para contato: (55) 3225.2612 / (55) 9139.2468**

As pesquisadoras do presente projeto se comprometem a preservar a privacidade dos sujeitos, cujos dados serão coletados por meio de gravação em áudio/vídeo. Concordam, igualmente, que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do presente projeto. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas na UFSM, no Centro de Educação, na Sala 3282, por um período de cinco anos sob a responsabilidade da pesquisadora responsável. Após este período, os dados serão destruídos. Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM, em 03/06/2009, com o número do CAAE: 0039.0.243.000-09.

Santa Maria, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009.

---

Valeska Fortes de Oliveira – CI 3013717446

---

Fernanda Gabriela Soares dos Santos – CI 9071013826

## **ANEXO B – Termo de consentimento livre e esclarecido**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Título do Projeto: “Abrindo o livro das suas vidas: trajetórias de formação de quatro professoras negras”**

**Pesquisadora responsável: Prof<sup>ª</sup>. PhD. Valeska Fortes de Oliveira**

**Autora: Fernanda Gabriela Soares dos Santos**

**Instituição/Departamento: PPGE/CE/UFSM**

**Telefone para contato: (55) 32252612 e (55) 91392468**

**Endereço: CE/UFSM - Sala 3282 (3220.9411) e Sala 3341-A**

Esta pesquisa, a ser realizada com professoras, tem como objetivo central investigar, através das falas das quatro professoras entrevistadas, suas trajetórias de formação docente bem como as relações étnico-raciais envolvidas.

Para tanto, as colaboradoras participarão de entrevistas semi-estruturadas, por meio de narrativas orais e escritas, nas quais contarão as suas histórias de vida. Será necessário gravar essas entrevistas, com autorização de cada colaboradora, para que não se percam detalhes das falas dessas alunas egressas de cursos de licenciatura plena.

Depois de realizadas e transcritas as entrevistas, o conteúdo destas será entregue às colaboradoras para revisão e possível alteração, inclusão ou exclusão do que estas considerarem necessário.

As informações obtidas serão utilizadas única e exclusivamente para essa pesquisa, sendo acessadas somente pela pesquisadora e pela autora, estando sob responsabilidade apenas das mesmas para responderem por eventual extravio ou vazamento de informações confidenciais. O anonimato dos indivíduos envolvidos será preservado em qualquer circunstância, o que envolve todas as atividades ou materiais escritos que se originarem desta pesquisa.

As colaboradoras podem deixar de participar do estudo se assim o desejarem, a qualquer momento, sem que disso advenha algum prejuízo. Não haverá dano moral ou risco, nem acarretará custos ou despesas a elas. Os possíveis benefícios para as professoras estão no valor formativo/autoformativo da realização das narrativas, nas quais o sujeito, ao recordar fatos para narrá-los, pensa sobre eles novamente, podendo atribuir novos sentidos e

significados a essas experiências, e refletir também sobre seus saberes e suas significações imaginárias sobre a docência.

Os resultados encontrados neste estudo serão publicados em revistas indexadas na área da Educação e/ou divulgados em eventos que abarquem as questões problematizadas na investigação.

Em caso de necessidade de algum esclarecimento ou para cessar a participação no estudo, a autora estará disponível pelo telefone (55) 9139-2468, a qualquer momento.

Eu, \_\_\_\_\_, acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li, tendo ficado claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo.

---

**Assinatura da colaboradora**

**Declaramos, abaixo assinado, que obtivemos de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa para a participação no estudo.**

---

**Assinatura da Pesquisadora**

---

**Assinatura da autora**

---

**Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato:**

**Comitê de Ética em Pesquisa - CEP-UFSM**

**Av. Roraima, 1000 - Prédio da Reitoria – 7º andar – Campus Universitário – 97105-900 – Santa Maria-RS - tel.: (55) 32209362 - email: [comiteeticapesquisa@mail.ufsm.br](mailto:comiteeticapesquisa@mail.ufsm.br)**

## ANEXO C – Carta de aprovação

 <p>MINISTÉRIO DA SAÚDE Conselho Nacional de Saúde Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)</p>	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa Comitê de Ética em Pesquisa - CEP- UFSM REGISTRO CONEP: 243</p> 
--	---

### CARTA DE APROVAÇÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa – UFSM, reconhecido pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – (CONEP/MS) analisou o protocolo de pesquisa:

**Título:** Trajetória de formação de quatro professoras negras  
**Número do processo:** 23081.003738/2009-18  
**CAAE (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética):** 0039.0.243.000-09  
**Pesquisador Responsável:** Valeska Fortes de Oliveira

Este projeto foi APROVADO em seus aspectos éticos e metodológicos de acordo com as Diretrizes estabelecidas na Resolução 196/96 e complementares do Conselho Nacional de Saúde. Toda e qualquer alteração do Projeto, assim como os eventos adversos graves, deverão ser comunicados imediatamente a este Comitê. O pesquisador deve apresentar ao CEP:

**Março/2010 Relatório final**

Os membros do CEP-UFSM não participaram do processo de avaliação dos projetos onde constam como pesquisadores.

**DATA DA REUNIÃO DE APROVAÇÃO:** 03/06/2009

Santa Maria, 03 de Junho de 2009.



Edson Nunes de Moraes  
 Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa-UFSM  
 Registro CONEP N. 243.

## ANEXO D – Letra da música “Negro da Gaita”

### NEGRO DA GAITA

Dante Ramon Ledesma

Composição: Gilberto Carvalho/Airton Pimentel

Mata o silêncio dos mates,  
acordeona "voz trocada",  
e a mão campeira do negro,  
passeando, aveludada  
nos botões chora segredos,  
que ele juntou pela estrada.

Quando o negro abre essa gaita,  
abre o livro da sua vida.  
Marcado de poeira e pampa,  
em cada nota sentida.

Quando o pai que foi gaiteiro,  
desta vida se ausentou  
o negro piá, solitário,  
tal como pedra rolou.  
E se fez homem proseando,  
com a gaita que o pai deixou.

E a gaita se fez baú,  
para causos e canções  
do negro que passa a vida,  
mastigando solidões  
e vai semeando recuerdos,  
por estradas e galpões.

## APÊNDICE

---

## **APÊNDICE A – Roteiro de entrevista semi-estruturada**

Nome:

Idade:

Curso de Formação:

Ano:

Instituição em que realizou a graduação:

Ano de ingresso na graduação:

Ano de conclusão:

Locais de atuação profissional:

Entrevista:

1. Conta para mim tua história de vida e escolarização enfatizando as relações étnico-raciais envolvidas.
2. Quais os aspectos da tua trajetória pessoal que são mais evidentes na profissional?
3. Como tu te sentiste ao me narrar a tua própria história, repensando as questões étnico-raciais subjacentes?
4. Para ti, quais as contribuições que este trabalho trouxe para a tua caminhada profissional?